



**DA ERRÂNCIA AO TERRITÓRIO:
CARTOGRAFANDO A FUNÇÃO CLÍNICA NA PSICOSE**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Professora Orientadora: Ms. Débora de Moraes Coelho

Lajeado, novembro de 2012

Graziela Schena

DA ERRÂNCIA AO TERRITÓRIO: CARTOGRAFANDO A FUNÇÃO CLÍNICA NA PSICOSE

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, na formação do Curso de Psicologia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia:

Profa. Ms. Débora de Moraes Coelho
Orientadora
UNIVATES

Profa. Ms. Gisele Dhein
Professora convidada
UNIVATES

Profa. Dra. Suzana Feldens Schwertner
Professora convidada
UNIVATES

Lajeado, 26 de novembro de 2012



Todo caminho da gente é resvaloso. Mas também, cair não prejudica – nada demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! ... O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem (ROSA, 2001, p. 546).

AFETOS DE UM RECONHECIMENTO

A meu pai, Irineu José Schena, por oportunizar a inserção na graduação, incentivando e sempre priorizando os estudos. Sem ele essa pesquisa não seria possível.

À minha mãe, Vera Lúcia Schena, também pelo apoio para que essa pesquisa ganhasse vida. Pela acolhida nos momentos finais da conclusão dessa etapa, me mostrando tranquilidade e um pouco mais de leveza.

À minha irmã, Fernanda Schena, por mostrar aquilo que difere em mim. Pelo apoio sensível: “tudo vai dar certo”.

À minha orientadora, Débora de Moraes Coelho, por acionar em mim a paixão pela arte de fazer Psicologia. Pelas palavras afetuosas que guiaram meu caminho, mostrando-me que a clínica também pode se fazer em movimentos poéticos.

A meu namorado, Guilherme Corbellini Lohmann, pois “o amor sem fim não esconde o medo de ser completo e imperfeito” (Barão Vermelho). Por respeitar meus momentos de ausência nesse ano, escutar minhas queixas e se manter ao meu lado.

À minha terapeuta, Jaqueline Bersch, por acolher minhas angústias, possibilitando a ampliação da vida. Pelos momentos de troca e multiplicidades.

À conquista nas andanças pela Psicologia, grande amiga, Adriana Rossetto Dallanora, pela parceria na trajetória de ensinamentos e descobertas, confortando-me por estar ao meu lado.

À colega e querida amiga, Carine Bernhard, por mostrar que a Psicologia se faz no plural. Pelo devir e cumplicidade em todos os movimentos desses anos.

À amiga de anos longos, Nicole Battisti, pelos momentos de descontração em que “eu me lembro de você descontrolada, tentando se explicar como é que a gente pode ser tanta coisa indefinível, tanta coisa diferente, sem saber que a beleza de tudo é a certeza de nada e que o talvez torne a vida um pouco mais atraente” (Lobão). Por acreditar, incentivar e apostar na minha escrita, pois precisamos de leitores.

À banca avaliadora, Gisele Dhein e Suzana Schwertner, professoras que contribuíram para que eu me tornasse o que sou hoje. Por disponibilizar atenção na leitura da pesquisa, fazendo parte de sua construção.

À coordenadora do Curso de Psicologia, Olinda M. F. Lechmann Saldanha, pela dedicação. Pelas palavras árduas e pelos singelos “puxões de orelha”, que me movimentaram ao longo desses anos e que, nesse momento, posso afirmar o bom encontro que me proporcionaram.

Às colegas de formatura, Camila Vian, Cristina Pretto, Noeli Zanotelli, Bruna Wendt, Denise Cyrne, Tamiris Hoppe, Liége Bernsmüller e Carine Bernhard, por compartilhar os momentos de alegria que anteciparam o término da graduação.

Aos usuários do CAPS I Lajeado/RS, por acolher minha presença no estágio e ativar o desejo de pesquisar a loucura. Pelos momentos de Raul Seixas que compartilhamos juntos nas oficinas de música, em que “eu do meu lado aprendendo a ser louco, um maluco total, na loucura real”.

Enfim, a todos os companheiros humanos e inumanos que, de alguma maneira, estiveram perto dos desassossegos de minha vida, “louca vida. Vida breve. Já que eu não posso te levar. Quero que você me leve” (Lobão).

No Amor tudo é mistério: suas flechas e sua aljava, sua chama e sua infância eterna.

Mas por que o amor é cego?

Aconteceu que num certo dia o Amor e a Loucura brincavam juntos. Aquele ainda não era cego. Surgiu entre eles um desentendimento qualquer. Pretendeu então o Amor que se reunisse para tratar do assunto o conselho de deuses. Mas a Loucura, impaciente, deu-lhe uma pancada tão violenta que lhe privou da visão.

Vênus, a mãe e mulher, pôs-se a clamar por vingança, aos gritos. E diante de Júpter, Nêmesis – a deusa da vingança – e de todos os juízes do Inferno, Vênus exigiu que aquele crime fosse reparado. Seu filho não podia ficar cego.

Depois de estudar detalhadamente o caso, a sentença do supremo tribunal celeste consistiu em condenar a Loucura a servir de guia ao Amor.

(FONTAINE apud COSTA, 2007, p. 17-18).

Dedico este texto para aqueles que sabem acolher sua loucura.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca acompanhar a errância psicótica apresentando a função continente da clínica como possível produtora de segurança territorial. Estudamos o que se passa no processo de rompimento com a realidade, produzindo um sujeito enclausurado numa condição psicótica. Para realizar tal investigação, desejamos oxigenar o corpo psicológico através do encontro com a Psicanálise e Filosofia da Diferença, capturando o que ambas podem contribuir para auxiliar o pensamento na clínica das psicoses. Dessa forma, cartografamos uma de suas funções como possibilidade de ser um território continente, o que significa acolher a errância do psicótico ajudando-o a encontrar estabilidade frente a seus desmanchamentos. Para auxiliar o pensamento nessa travessia, utilizamos a personagem Agustina, do livro *Delírio*, da autora Laura Restrepo (2008), como personagem conceitual. Ela nos conduz a acompanhar o processo da psicose, no sentido de investigar o que se passou com o corpo das intensidades ao esvaziar-se numa figura clínica do louco. Por fim, apresentamos a função estabilizadora da clínica como uma das saídas para o enfrentamento do sujeito da psicose.

Palavras-chave: Psicose. Corpo. Clínica.

ABSTRACT

The present conclusion work of the course follows the wandering psychotic presenting the continent function of the clinic as possible producer of territorial security. We study what happens in the process of breaking with reality, producing a subject enclosed a psychotic condition. For such research, we wish to oxygenate the body through the psychological encounter with the Psychoanalysis and the Philosophy of Difference, capturing that both can contribute to help the clinic thinking of psychosis. In this way, cartografy one of its functions as a possibility of being a mainland territory, which means accepting the wandering of psychotic helping him find stability in their breaking downs. To help thinking that crossing, used the character Agustina, of the book *Delirium*, of the author Laura Restrepo (2008), as a conceptual character. She leads us to monitor the process of psychosis in order to investigate what happened to the body of the intensities when emptying into a clinical picture of crazy. Finally, we present the stabilizing function of the clinic as one of the solutions for tackling the subject of psychosis.

Keywords: Psychosis. Body. Clinic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ou notas iniciais.....	10
2 CARTOGRAFANDO O PROCESSO DE ENLOUQUECIMENTO	14
3 PENSAMENTOS SOBRE A PSICOSE: QUANDO EXPERIMENTAMOS O PLANO DAS INTENSIDADES	17
3.1 Os processos de subjetivação e o plano do caos.....	20
3.2 O personagem conceitual ou Uma imagem delirante.....	23
3.3 Sobre as linhas de virtualidade e a tentativa de organização: o que se atualiza?	27
3.4 Quando o corpo pede passagem.....	29
3.5 A compreensão edípica: a Psicanálise entra em cena.....	31
4 O QUE PODE O ENCONTRO COM A FILOSOFIA DA DIFERENÇA?	38
4.1 A clausura nas intensidades: o plano do Fora.....	40
4.2 Do corpo pleno ao corpo vazio: as possibilidades do corpo sem órgãos..	42
5 DA ERRÂNCIA AO TERRITÓRIO: SOBRE A FUNÇÃO CLÍNICA	50
5.1 A função clínica na psicose e as possibilidades para criar território.....	51
6 “O PONTO-FINAL NÃO SE TRATA DO FIM, MAS DE QUE ALGO ACABOU”..	57
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO ou notas iniciais

“Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela dançante” (NIETZSCHE, 1998, p. 34).

O tempo da pesquisa é o tempo da solidão. Já disse Lispector (1999, p. 15) que para escrever é preciso se colocar no vazio. Mas, não pensamos que a solidão é o sinônimo do vazio. Pelo contrário, é o sinônimo da existência. É quando deixamos o eu entre a solidão que nos habita e o vazio que nos faz existir, que passamos a esquecer do que nos condiciona para desejar o que nos torna livre: a ousadia e a cautela para delirar - “devo imaginar uma história ou dou larvas à inspiração caótica?”. Para estar nesse entre, aprendi que precisamos tomar uma boa dose de imaginação, um tanto de prudência e mais um pouco de coragem.

O tempo da pesquisa é o tempo da multidão, da inseparável inquietude de saber que mesmo estando na solidão, há uma multidão que grita e deseja dar voz a todos que a habitam. A pesquisa é a mensageira responsável por comunicar o que nos faz pensar diferentemente, pois ela denuncia a busca pelas brechas, pelos goles de ar puro, pela vontade de liberar o que está enclausurado. É por isso que ao longo do presente trabalho a escrita da pesquisa nascerá no entre: Grazielas, pensadores, minha orientadora, em meio a encontros humanos e inumanos. A pretensão é tornar o “eu” e o “nós” fluxos contínuos que denunciam a construção de uma pesquisa que se faz no coletivo e que aciona a possibilidade do sujeito ser múltiplo.

É dessa maneira que o interesse pela prática de pesquisar foi surgindo ao longo dos últimos anos do curso de Psicologia, do Centro Universitário Univates, quando ampliou em mim espaço para que outros saberes pudessem interferir em seus desafios. Nesse momento, o território psicológico, influenciado pela

Psicanálise, desejava encontrar outras maneiras de inquietar seus fazeres. Desacomodar as ideias, encontrar um lugar em que o exercício crítico pudesse tomar consistência e audácia, aproximando um discreto desassossego para aquilo que a Psicanálise vigorava. Então, o corpo psicológico encontrou, fora de suas raízes, mas muito próximo delas, contribuições para que não ocorresse a clausura do pensamento em suas próprias problemáticas.

É nesse ritmo que a Filosofia da Diferença compõe nosso campo de pesquisa, potencializando nossas investigações, as quais se tornam relevantes por tratar de um tema que ativa meu interesse, curiosidade, desejo de transformação e que acima de tudo nos coloca em contato com uma das mais potentes contribuições da Filosofia da Diferença para a Psicanálise: a arte de fazer perguntas mais do que oferecer respostas. Dessa forma, buscaremos trazer ao debate suas contribuições, para assim oportunizarmos ao pensamento uma abertura e plasticidade próprias do devir, em que outras possibilidades de apresentar nossa pesquisa possam ser acionadas.

O primeiro estágio¹ de Psicologia, realizado no Centro de Atenção Psicossocial – CAPS I Lajeado/RS, também se tornou significativo para o presente trabalho, pois ativou o desejo a fim de concretizar essa pesquisa. Acompanhei por dois semestres os movimentos e produções do serviço de saúde mental, o que gerou curiosidade e interesse em aproximar minhas inquietações para o campo da loucura. Implicada nas ações do serviço busquei me envolver na dimensão intensiva que a condição psicótica carrega. Desde já, a curiosidade foi estudar sua desestabilização a partir da lógica das intensidades, ou seja, estudar o que se passa com o sujeito que rompe com o mundo da representação e estabilidade do ego ficando impedido de pousar seu corpo em um território estável.

Para contemplar essa curiosidade, o presente trabalho basear-se-á na proposta de cartografar o processo de enlouquecimento apresentando a clínica como território continente para ajudar o sujeito psicótico a encontrar estabilidade frente a seus desmanchamentos. Diante disso, perguntaremos: como o território da clínica pode contribuir para tornar o corpo desvitalizado da psicose mais potente? Para tal exercício, utilizaremos a personagem do livro “Delírio”, da autora Laura

¹ Estágio Supervisionado Básico I e II, curso de Psicologia – Centro Universitário Univates.

Restrepo (2008), para ilustrar os delineamentos da psicose através de uma mulher que enlouquece. Assim, a loucura será nosso objeto de pesquisa para investigar os processos de subjetivação, os quais indicam um limiar tênue entre a possibilidade de inventar novas formas de existir e a de destruir todas as formas.

A pesquisa então contribui para que a Psicologia amplie suas vertentes através dos olhares da Psicanálise e da Filosofia da Diferença, as quais apresentaremos como potencializadoras do pensamento na clínica. Dar terreno a essa possibilidade fortifica o desejo a fim de criar uma maneira de intervir na clínica em que ambas tornam o espaço um ambiente continente e acolhedor para acompanhar os modos de subjetivação que ali se esboçam.

Dessa maneira, somos guiadas pelo interesse de aproximar nosso pensamento ao plano intensivo que a condição psicótica carrega. Portanto, após o capítulo 2, com a descrição metodológica, iniciaremos nossa investigação no capítulo 3 apresentando Agustina² e o modo como a subjetividade acessa o plano do caos. Também realizaremos o estudo dos delírios da personagem visando ser um arremedo de possibilidade para um começo de território. Através das contribuições da Psicanálise em relação ao complexo edípico, problematizaremos a impossibilidade de Agustina aterrar o corpo feminino e experimentá-lo enquanto um corpo sexuado e possível de conceber. Para isso, pensaremos em um corpo que não conseguiu fazer a passagem pelo complexo de Édipo e, dessa forma, encontra-se impossibilitado de assumir uma identidade sexual.

No capítulo 4, o encontro com a Filosofia da Diferença auxiliará o pensamento a investigar os desmanches da psicose, em que acompanharemos a clausura do psicótico no plano do caos, buscando saber o que acontece com ele. Novamente, voltaremos à personagem para ilustrar seus movimentos e assim apresentaremos o que acontece com o corpo que não consegue lidar com os desafios da existência, ficando tomado de intensidades como afetos paralisantes, os quais tornam o corpo esvaziado e enclausurado numa figura clínica do louco.

Para finalizar, no capítulo 5, apresentaremos a função estabilizadora da clínica como uma das saídas para o enfrentamento da condição psicótica. É diante

² Personagem do livro “Delírio” será nosso personagem conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 1992) para apresentar a psicose e seus desdobramentos na clínica.

dessa figura louca que a pesquisa buscará apresentar a clínica como possibilidade de firmar um território. Para isso, apresentaremos uma das funções que compõe a clínica das psicoses. Investigaremos esse ambiente como sendo supostamente preparado para acolher sua desorganização e, dessa forma, oferecer estabilidade para que o sujeito consiga funcionar em modos mais organizados.



2 CARTOGRAFANDO O PROCESSO DE ENLOUQUECIMENTO

“Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro” (DELEUZE, 2006b, p. 18).

Com a proposta de problematizar a função clínica como possibilidade de ser um território continente e acolhedor para a psicose, o presente trabalho será baseado em uma pesquisa qualitativa, realizada revisão bibliográfica guiada pelos princípios do método cartográfico. Escolhemos a cartografia como procedimento para problematizar a função clínica porque ela possibilita uma mobilidade ao pesquisador, permitindo que ele acompanhe os trajetos que a loucura delineia nos processos de subjetivação do sujeito. Segundo Alvarez e Passos (2010) a cartografia propõe habitar o campo a ser investigado através de modo receptivo, pois aciona o ato de implicar-se com os processos da pesquisa para ampliarmos os conceitos e problematizá-los em nosso contexto de estudo.

A pista metodológica que nos guiará ao longo do trabalho diz respeito à postura do pesquisador em colocar-se ao lado da pesquisa, implicando-se e engajando-se em seus movimentos. Para isso, habitamos um território, o qual será chamado de campo de pesquisa, que prioriza mais:

[...] uma disposição de composição do que à execução de normas técnicas. Não se visa a uma submissão ou um domínio do campo pesquisado, mas um fazer com, compondo com os elementos envolvidos (ALVAREZ; PASSOS, 2010, p. 148).

Diante disso, pousaremos nosso corpo-pesquisador no território da clínica. Para que esse movimento seja acompanhado por modos sensíveis, escolhemos um

roteiro que não seja fechado, quantitativo, estático. Não há regras prontas, o que temos nessa relação são pistas rizomáticas compostas por agenciamentos que se conectam com nosso principal foco-movimento: cartografar a função clínica como possibilidade de ser um território estável para a experiência nômade da psicose. Para Fonseca, Costa, Moehlecke e Neves (2010):

[...] o método de produção de conhecimento da Cartografia, que se apoia em bases conceituais da Filosofia da Diferença, pode nos auxiliar nessa aventura epistemológica, ao criar redes entre conceitos e acontecimentos, bem como experimentar um plano de alteridade que liga pensamento e afecção. Não se trata, pois, de um protocolo de ações pré-definidas, mas de um mergulho na experiência, que lança o pesquisador a novas tramas e o convida a transitar em um campo aberto e fugaz, que faz nascer as estratégias de ação e de pensar ampliando os leques de intervenção do conhecer (FONSECA et al, 2010, p. 172).

Portanto, nosso mergulho na existência será acompanhar o processo de desmanchamento do sujeito para depois apresentar a clínica como território. Para isso, é preciso que positivemos a dimensão intensiva da loucura, pois nos aproximaremos da lógica das intensidades na intensão de cartografar o que a loucura esboça em seus modos de subjetivação. Esse plano intensivo nos coloca diante da possibilidade do sujeito acessar o plano do caos, o que significa dizer entrar em contato com a vertigem e a crise. Através dos estudos de Deleuze e Guattari (1997), investigaremos o território em sua função estabilizadora que permite segurança para o sujeito que o experimenta.

No detalhamento desta investigação, encontraremos em Agustina o conceito de personagem conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 1992) para mapear como a subjetividade acessa o plano do caos e quais possíveis movimentos são traçados a partir desse acesso. Escolhemos narrar cenas do livro em que Agustina demonstra indícios de que sua subjetividade tende a desestabilizar. Estas cenas irão possibilitar a criação de uma linha histórica em que apresentaremos a personagem e problematizaremos os delineamentos de sua loucura. Pesquisar e construir sua história pregressa e atual serve como instrumento para conhecer a singularidade do sofrimento da personagem. Os momentos que serão narrados ao longo da escrita se tornam importantes para nos guiar pelo processo da perda de uma realidade compartilhada até a criação delirante.

Estudaremos esses movimentos de desestabilização para acompanharmos o que se passa com o sujeito que rompeu com a estabilidade de operar em um modo neurótico tornando o corpo, ao invés de pleno, desvitalizado. Para tal exercício, utilizaremos dois pontos de vista teóricos: a Psicanálise e a Filosofia da Diferença. É justamente com a vontade de operar na clínica, com essa aliança, que ambicionamos criar fissuras em nosso modo de pensar ampliando a compreensão intrapsíquica do sujeito, oferecida pela visão psicanalítica, para a análise extrapsíquica proporcionada pelos filósofos da Diferença. É este entrelaçamento que nos permitirá pensar em uma escuta do desejo ampliada para questões além da interioridade do sujeito, assim o desejo torna-se mundano e contagia nossos modos de viver e estar habitando esse campo.

3 PENSAMENTOS SOBRE A PSICOSE: QUANDO EXPERIMENTAMOS O PLANO DAS INTENSIDADES

“Se procura um território para repousar, são os espaços desacostumados, que mais lhe atraem, os que não negam acolhida aos desejos, afetos e sobretudo a possibilidade de delirar caminhos” (PRECIOSA, 2010, p. 20).

No início do livro *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*, Pelbart (1993, p.12) nos inquieta com a seguinte provocação: “e por que fazê-lo na vizinhança da loucura?”. Esse “fazê-lo”, trazendo para nosso contexto, diz respeito ao desejo de pesquisar a subjetividade e seus processos em um campo que é da ordem das intensidades, buscando narrar seus contornos através de uma escrita que também se quer fazer nessa ordem poética, no plano das sensações. Nesse ritmo, a escrita deseja ter como meta a liberdade para desprender-se dos modos enclausurados de pensar e produzir pesquisa. Tal relação diz respeito ao movimento de entregar-se à escrita, ao ato de deslizar nas sutilezas dessa audaciosa possibilidade para prestar atenção naquilo que afeta, mas que ainda não tem forma, nome, palavra.

Para que se possa escrever, desejamos acessar a dimensão intensiva que a condição psicótica carrega, estudando suas desterritorializações a partir da lógica das intensidades, ou seja, estudar o que se passa com o sujeito que rompe com o mundo da representação e estabilidade do ego, ficando impedido de trabalhar, se responsabilizar, operar em um modo neurótico. Dessa maneira, para investigar o que há além de uma vida enclausura em uma figura clínica despotencializada e hospitalizada, desprendemos nossa escrita de seus cárceres e tomamos o caminho da curiosidade como nosso aliado.

Para tal abertura, consideramos importante ressaltar que não estabelecemos uma relação romântica com a loucura, isto quer dizer que não ignoramos o sofrimento que é estar sem referência. Nosso interesse se torna pesquisar o processo que a loucura esboça, desde o sujeito que experimenta essa intensidade para desassossegar o corpo até o que encontramos enclausurado na figura triste do louco.

Essa diferenciação é anunciada quando Deleuze e Guattari (2010) apresentam a ideia de que a esquizofrenia, enquanto processo, são fluxos que escapam aos códigos, embaralhando-os e deslizando-os sobre um corpo que deseja atravessar territórios instituídos. Nesse processo, ocorre a desterritorialização de um território que se desmanchou e que deixa o corpo do sujeito carregado de intensidades, o que se torna perigoso para os que não conseguem reterritorializar esse contato via atualização em matéria e, dessa forma, encarnam a doença. Como não ignoramos o sofrimento do doente, também não podemos esquecer que é através da loucura que o sujeito consegue chegar mais perto do processo das intensidades, os quais desassossegam os modos neuróticos.

Talvez aqui, mesmo parecendo cedo para responder qualquer pergunta, encontramos algumas pistas que possam vir a responder a indagação do autor acima lançada. O que queremos com a loucura? Aproximar-nos das intensidades que circulam o psicótico na tentativa de fazer do território uma desterritorialização, em que permitimos ao pensamento acessar o plano das intensidades e sensações, para, dessa forma, ativar nossa veia política, crítica e revolucionária. Sensibilizar o discurso enclausurado em institucionalizações para poder devir.

Para conquistar tal movimento, não podemos esquecer aquilo que Deleuze e Guattari (2012, p. 27) consideraram de suma importância: levar sempre junto conosco um pedaço de nova terra, pois “é seguindo uma relação metódica com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas [...]”. É com prudência, também alertaram os filósofos, que conseguimos fazer de nossas atitudes um emaranhado de conexões que sempre irão encontrar um território para se expressar.

Dessa forma, estar em contato com o plano das intensidades significa colocar o pensamento na vertigem³ de nossa temporalidade, história, lógicas, visibilidades, políticas (PELBART, 1993). Colocá-lo em contato com as intensidades para, em seguida, fazê-lo retornar e junto materializar essa experiência via escrita, arte, modos diferentes de existir, novas alternativas para viver. Não seria esta uma proposta ousada? Clarice Lispector (1998, p. 20) provoca: “não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada”.

Teríamos então dois modos de nos relacionar com a loucura? O que produz agenciamentos e o que é produto da impossibilidade de retornar potente dessa relação? Deleuze e Guattari (2010) dizem que uma coisa é o esquizofrênico que carrega fluxos desterritorializantes tomando o processo como devir, e outra é o esquizofrênico que toma esse processo como meta e acaba ocasionando uma parada-ruptura-quebra nos processos de desterritorialização e reterritorialização. Não seriam esses os sujeitos que encontramos nas figuras enclausuradas da clínica, CAPS e/ou hospitais psiquiátricos? Segundo Pelbart (2000):

[...] as menções ao esquizo compreendido como entidade clínica focam sobretudo a dimensão de colapso, do girar em falso, no vazio, a exasperação horrorosa ou comovente a que estão entregues os esquizofrênicos, atirados contra a parede “com uma violência extrema” [...] Esses corpos catatônicos caíram no rio como chumbos, imensos hipopótamos fixos que não retornarão à superfície (PELBART, 2000, p. 169).

É por isso que, ao longo do presente capítulo, esboçaremos a possibilidade que o sujeito tem em acessar o plano das intensidades, dar boas-vindas à mudança e fazer do território um lugar provisório, para mais adiante encontrar outra morada que possa acomodar, temporariamente, sua existência. Mas, sabemos que esse movimento nem sempre é concluído, pois o contato direto com essas intensidades pode desviar o sujeito de seu entorno. Eis o que acompanharemos como uma imagem delirante que toma voz para fazer falar como a loucura pode se tornar uma, de outras possíveis, imagem clínica do louco.

³ Nas palavras de Pelbart (1989, p. 123): “vertigem é o estado intensíssimo que sentimos diante de um abismo, numa altura desmedida, quando nos defrontamos com uma distância assustadora [...] é a distância traduzida em atordoamento, uma quantidade (de espaço) transformada em qualidade (intensiva), uma separação nos estirando por dentro e em direção ao exterior”.

3.1 Os processos de subjetivação e o plano do caos

Para tecer a psicose em nossas discussões é preciso, primeiro, percorrer por outros planos de composição. Como pontapé inicial, torna-se interessante convidar para o debate os processos subjetivos que contornam os modos que a existência humana esboça. No atual cenário contemporâneo, apresentado pela busca exacerbada por medicamentos – dos que prometem o “fim” do sofrimento psíquico, até aqueles que “asseguram” transformar a personalidade – pela procura de drogas lícitas e ilícitas – que fazem da realidade um deslumbre irreal – e também pelas receitas que garantem felicidade eterna – livros de autoajuda, cartomantes e afins – não há espaço para suportar a vertigem causada pelas dúvidas e incertezas. A subjetividade é posta em xeque: até que ponto o sujeito permite tolerar suas frustrações? Que subjetividade é essa que se desenha?

Diante dessa situação, encontra-se um empobrecimento da alma e da potência trágica da vida, o que significa que se torna angustiante estabelecer relação com os processos de conscientização do ser humano em sua condição complexa de existir. É viável perguntar: como se reage ao mal-estar a cada momento de nossa existência? Preciosa (2010, p. 27) expressa essa inquietude com as seguintes palavras: “faz-se de tudo para não desalinhar o cotidiano. Encerra-se um tipo de subjetividade de prontidão, incapaz de aderir ao risco que é estar vivo e pensar”. Nesse ato de encerrar um tipo de subjetividade, acaba-se esquecendo de que a capacidade humana de lidar com o trágico possibilita que o sujeito tolere as mudanças e que, acima de tudo, crie terreno para a crise, permitindo que ela se instale e que ecoem vozes ainda não ouvidas.

Para pensar nessa capacidade trágica é preciso pesquisar a vida em sua potência de variação. Se considerarmos a subjetividade como uma produção incessante que acontece no encontro com o outro, seja esse outro humano ou inumano, podemos pensar que ela é fabricada e modelada no registro social de acordo com os modos de existência, ou seja, com os modos de subjetivação (GUATTARI, 1986). Nesse cenário, a subjetividade se produz diante dos encontros produzidos pelo sujeito ao longo da vida, os quais esboçam uma forma de vida entre

tantas outras possíveis. Dessa forma, os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, que podem ser consideradas formas de vida que dizem respeito às organizações sociais distintas.

É de maneira criativa e intrigante que Rolnik (2006, p. 26) nos convida para acompanhar esses modos de subjetivação através de uma viagem à subjetividade. A autora identifica os modos enraizados de identidade, ativa o olho sensível para inquietar e produzir estranhamento e nos alerta para uma possível pele, formada por “um tecido vivo e móvel, feito de forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade [...]”. Pousamos na próxima etapa descrita pela autora, aquela que nos serve para delinear a subjetividade que desejamos apresentar: a pele que reage ao incômodo e faz emergir uma curvatura, ou seja, o “cenário de todo um modo de existência” (ROLNIK, 2006, p. 26).

E ao que compete esse cenário? Podemos dizer que esse novo cenário se faz de acordo com a potência de transformação do sujeito. Mas, qual potência se consegue acessar para produzir outros modos de existir? Os processos de subjetivação exprimem a invenção de diferentes formas de relação do sujeito consigo e com o mundo. Ao continuarmos com a viagem, detalhamos a ideia de uma produção de subjetividade que acessa um certo tipo de plano quando permite que a agitação dessas forças que o compõe acompanhe seu percurso inventando um novo modo de existência. Esse movimento dá acesso ao desconforto movido pela incapacidade de suportar a vertigem que as forças intensas desse plano causam na subjetividade.

Esse plano, que tanto importa para os movimentos subjetivos, é composto por intensidades de forças que exibem o campo do qual se originam as figuras da subjetividade. Fazendo referência a outra obra de Rolnik (1999), conectamos a esse plano a experiência da desestabilização, da desordem, da crise, do caos. É lá que delineamos uma composição singular, em que permitimos desviar nossas relações das representações, dos clichês, dos modelos, ou seja, de tudo aquilo que esmaga nossa potência criativa. Esse campo, muitas vezes obscuro e perigoso, atua na subjetividade de maneira muito delicada, gerando diferentes sensações. Nesse momento, o que interessa para nossa pesquisa é lançar a possibilidade desse plano caótico aproximar-se da ideia de força, muitas vezes demoníaca e avassaladora.

É no encontro singular com essas forças que novos mapas⁴ subjetivos são desenhados, sendo que a cada nova relação estabelecida, novas sensações são incorporadas a esse mapa. O modo como essas sensações se conectam com a subjetividade expressam como o sujeito se relaciona consigo e com o mundo ao longo de sua existência. O que Rolnik (2006, p. 27) nos diz é que “cada modo de existência é uma dobra da pele que delinea o perfil de uma determinada figura da subjetividade”, ou seja, é através de uma curvatura que a subjetividade ora sossega num dentro, ora ativa sua potência nos agenciamentos do lado de fora.

Dessa forma, problematizar os processos de subjetivação com o conceito deleuziano de dobra (DELEUZE, 2005) é explorar a subjetividade enquanto modos de existência tomados por intensidades de forças. É uma curvatura que possibilita entregar-se à produção de diferentes modos de constituição da relação do sujeito com o mundo. É nessa dobra que se encontra um dentro que desinveste do movimento das forças do fora, gerando uma calma na subjetividade; e um fora que possibilita o acesso a um plano desconhecido, possibilitando que desse contato faz-se criar um novo perfil de subjetividade.

Um tanto perplexos, nos damos conta que o dentro, aqui, nada mais é do que o interior de uma dobra da pele. E reciprocamente, a pele, por sua vez, nada mais é do que o fora do dentro. [...] É só nesse sentido que podemos falar num dentro e num fora da subjetividade: o movimento de forças é o fora de todo e qualquer dentro, pois ele faz com que cada figura saia de si mesma e se torne outra. O fora é um “sempre outro do dentro”, seu devir (ROLNIK, 2006, p. 27).

Não há como esboçar uma nova figura de subjetividade sem acessar o caos, visto que é a partir de sua desestabilização que novas possibilidades de mudanças são acionadas. Em Lispector (2009, p. 9), encontramos uma bela ilustração do que essas mudanças causam na subjetividade: “não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda.” Podemos dizer que esse processo de desterritorialização, que causa as desorganizações, expressa também as novas

⁴ Fazer mapas (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22) corresponde à criação de um plano conectável em todas suas dimensões e que comporta a possibilidade para os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. É com a criação de mapas que os modos de subjetivação produzem seus agenciamentos, criam suas linhas de fuga e, dessa forma, oportunizam o surgimento de novas figuras da subjetividade. Fazer mapas diz respeito à capacidade do sujeito tolerar as mudanças, pois os mapas são “desmontáveis, reversíveis, suscetíveis de receber modificações constantemente”.

sensações que invadem a cena a todo o momento que se tem um novo universo sendo incorporado, portanto reterritorializado. Quanto mais estabelecermos contato com o plano do caos, mais figuras serão criadas, mais territórios serão conquistados e menos enraizada ficará a subjetividade em um único modo de ser.

Não saber o que fazer com aquilo que se experimentou se refere a não saber das intensidades que provocam essa desorganização. O que fica martelando a subjetividade é o medo, o qual pode ocasionar uma parada no processo de conquistar novos mapas. Por isso, há diferenças na maneira como o sujeito lida com o assombro causado pela vertigem, sendo que podemos analisar o grau de contato estabelecido com as forças do caos, como, por exemplo, encontramos no contemporâneo os viciados em identidade⁵, os artistas, os considerados loucos, os ditos depressivos, estressados...

É em Deleuze (2005) que encontramos a expressão mais geral da relação do homem com ele mesmo, a subjetividade que está o tempo todo criando uma nova dobra, em que novos mapas de relações anunciam novos modos de existir no mundo. Como resquício desse contato, a desestabilização gera um temor de não corresponder às figuras impostas pelo cenário atual. O medo, alerta Rolnik (1999), é de enlouquecer. Permitir-se estabelecer relação com o caos é ter as forças que compõem esse plano penetrando no corpo, sentindo-o esvaziar-se, perdendo sua suposta pertença para o vazio. Quando não há suportabilidade para esse contato, os avisos dessa violenta golfada chegam à subjetividade através de ruídos. É então que encontramos uma figura louca: curiosa para uns, repulsiva para outros.

3.2 O personagem conceitual ou Uma imagem delirante

Até agora acompanhamos os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que a subjetividade esboça para conseguir fazer a criação de novos mapas e, dessa forma, não cair na emboscada de uma

⁵ Termo utilizado por Rolnik (2006) para designar aqueles que não suportam o turbilhão de intensidades que tocam a subjetividade. A identidade como algo que fixa o sujeito em um território, ficando ele viciado e impossibilitando-o do contato com o caos. Se o louco se perde na identidade, o viciado nela fica.

identidade totalizante. Também, acompanhamos que no meio desse processo, mais precisamente no momento em que o território se desterritorializa, que surge o desconforto, a vertigem de se estar perdendo uma suposta pertença. É nesse momento, do desconforto e da vertigem, que começamos a delinear uma outra proposta.

Como forma de ilustrar e dar matéria ao debate, vejamos o pensamento ganhar vida através de uma dessas figuras loucas. É então, que buscamos em Agustina uma imagem intrínseca ao pensamento, a qual permite acompanhar os modos de subjetivação de uma mulher que enlouquece. Ao buscar na ficção uma história contemporânea, que traz em seus relatos um discurso delirante, problematizamos por quais vias o processo de enlouquecimento toma corpo e o lança para um estranho território, do qual o delírio ganha força. Nessa ilustração, permitimos que a personagem saia de sua história, circule em nossa escrita e ganhe vida através das hipóteses aqui produzidas.

Para capturar essa imagem, extraímos na filosofia de Deleuze e Guattari (1992) o conceito de personagem conceitual para produzir no pensamento uma potência para pensar. Tal personagem convém como forma proativa para fazer da psicose uma multiplicidade de devires, ou seja, age antecipadamente para fazer reverberar seus agenciamentos. Afirmar que Zaratustra foi o principal personagem conceitual de Nietzsche não se trata de dizer que ele foi o responsável por intermediar as ideias nietzschianas, mas sim dizer que Zaratustra interviu na própria criação de Nietzsche.

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são “heterônimos” do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 86).

Como o próprio pensador, permitimos que Agustina manifeste seus territórios, desterritorializações e reterritorializações. A jovem de nome marcante será como uma condição de possibilidade do próprio pensamento, em que tem o papel de agenciar as pequenas indagações aqui expressas. Com esse propósito, nossa

atenção pouca para acompanhar aqueles que são os verdadeiros agentes de enunciação, os que possibilitam a linguagem circular, produzindo outras imagens ao pensamento.

Para que isso aconteça, desejamos que a personagem seja construída da seguinte maneira: “o rosto e o corpo do filósofo abrigam estes personagens que lhe dão frequentemente um ar estranho, sobretudo no olhar, como se algum outro visse através de seus olhos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 97). E se déssemos amplitude a essa possibilidade, o que os olhos do filósofo enxergariam? Quais figuras seriam possíveis visualizar? Figuras estranhas, bizarras, estereotipadas, produto de uma criação delirante? Se na sociedade atual não há espaço para elas ganharem visibilidade, suas proliferações acontecem no silêncio: mudez pela voz, gritos que escoam pelo corpo.

A história da vida de nossa figura delirante é contada a partir de narrativas que tem como núcleo desde a sua infância até o momento em que a identidade é rompida. Agustina é devorada pelo plano do caos e, como efeito desse contato sem proteção, habita a loucura. Em relação à construção de uma narrativa, a escrita de Coelho e Farina (2010, p. 210) aponta para a seguinte pista metodológica: a narrativa não é aquela que tem o “[...] compromisso com a parte do real que foi atualizada; ela dá visibilidade a um real virtual, ou seja, tem potência de tocar no fora, no impossível, para tornar possível outro mundo.” Trazer para o virtual, para aquilo que só existe em potência, um atual passado dá a chance de aproximar-se da intensidade vivida que se atualiza de outro modo, compondo outras histórias.

Essas narrativas são intercaladas pelo passado da personagem, em que ficamos sabendo da história de seus avós e como sua família foi se construindo; pelos momentos que antecedem a dissociação psíquica, sinalizados pelo contato com os segredos de sua família; e narrativas que falam de como Agustina ficou após enclausurar-se na loucura, momentos em que a vertigem toma conta de sua subjetividade deixando-a por um fio. Essas três narrativas oportunizam que os processos de enlouquecimento sejam acompanhados e, com isso, percebemos que sua subjetividade expressa modos de existir de acordo com determinados territórios, os quais dizem respeito a momentos específicos de sua vida.

Habitar o território (DELEUZE; GUATTARI, 1997) de Agustina é se afetar com os meios que os territorializa, assim como estar disponível para enfrentar seus abalos. Esse lugar de passagem é nosso aliado para acompanhar os movimentos subjetivos que envolvem a psicose, pois lidamos com a ideia de que os modos de subjetivação são produzidos a partir da expressividade que compõe as paisagens por onde o sujeito circula. Tornar esse território um lugar de passagem nos diz que ao fazer esse caminho, de um estado intensivo para outro, o sujeito necessita passar por momentos de crise. É então que o território passa por agitações e desordem, o que indica que a desterritorialização está provocando o abandono desse território e buscando outro. Nesse momento, opta-se pela reterritorialização ou enclausura-se no caos.

O movimento provocado pela passagem de um território para outro, faz-nos lembrar de Lispector (2009, p. 26) quando afirma que “é preciso ficar isenta de mim para ver.” Brincar com esse enunciado é perceber que ‘estar em mim’ é justamente estar no território, dentro da “calmaria” provocada pela segurança e razão. Esse terreno coloca o sujeito diante da mesmice, desconsiderando toda potência inventiva que o desconhecido gera, ou seja, toda capacidade de ver as coisas do mundo de outras maneiras. É por isso que a autora nos alerta que é preciso ficar ‘isenta de mim’, ou então, podemos dizer que é preciso ter feito a passagem de um território para outro, desterritorializar aquilo que já é conhecido. Dar boas-vindas às vertigens e estabelecer convivência com aquilo que elas geram, ou seja, permitir sua existência e suportar suas incertezas é provocar um eterno ‘estar em mim’ e ‘estar isenta de mim’: territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

É com esse embalo que voltamos para as figuras delirantes, aquelas que os olhos do filósofo enxergam. Nesse exercício do olhar, encontramos a loucura e, com ela, algumas inquietações: o que se passou? O que Agustina enxergava no momento da passagem? O que sabemos é que, nesse movimento de ficar ‘isenta de mim’, nossa personagem arruína-se na passagem, o território desmancha-se e ela perde a referência de si. Diante disso, Agustina passa a enfrentar as sensações que o acontecimento de não encontrar uma morada para si geram: a dificuldade de existir enquanto sujeito.

Podemos dizer que, ao pensar no desmanche do território, ocorre o processo de desterritorialização da subjetividade e a impossibilidade de acontecer o processo que permite o sujeito criar outro mapa, a reterritorialização. Tem-se um território que é desfeito e nessa passagem de variar o mapa, nossa personagem perde-se no vazio. A subjetividade sucumbe, ficando no oco. Dessa forma, pensamos que a loucura é estar sem território, o que implica perder a identidade e a capacidade de saber sobre si. Agustina, ao deparar-se com as intensidades das forças não consegue existir nas sutilezas provocadas pelo encontro entre corpos.

3.3 Sobre as linhas de virtualidade e a tentativa de organização: o que se atualiza?

“Há momentos em que Agustina parece aceitar uma trégua e rabisca desenhos para explicar a Aguilar o que acontece. Pinta umas rodela dentro de outras maiores, rodela que se soltam de outras como cachos de ansiedade, e diz que são as partículas de seu corpo redivivo que se reproduzem e a resgatam” (RESTREPO, 2008, p. 19).

Os rabiscos de nossa personagem nos anseiam a investigar a seguinte questão: como uma mente desorganizada, imersa no caos, consegue encontrar um eixo? Na tentativa de desenhar rodela menores dentro de maiores, Agustina oferece pistas para pensarmos o que esses rabiscos dizem a respeito da criação de um núcleo subjetivo em pleno caos. Tal narrativa nos faz pensar em forças circulares que puxam seu corpo atraindo-o para um vértice, ou seja, uma ordem imersa na desordem. Nessa passagem, a personagem expressa àquilo que as forças intensivas de um plano caótico geram, onde há partículas que demonstram a fragmentação do corpo e da capacidade de compreensão sobre si. Sua subjetividade está frágil, imersa no caos da vertigem e da desorganização. Falar de si e sobre si já não é mais possível, pois é nesse jogo de forças que encontramos um movimento que vai para além do contato com o caos.

Podemos associar que as rodela são ilustradas como sendo partículas de seu corpo, o que nos leva a pensar que mesmo seu corpo estando fragmentado há um núcleo subjetivo que o mantém em contato com a realidade. Dessa forma,

constatamos que mesmo no caos há criação de um núcleo subjetivo que mantém o sujeito no anseio por reordenar sua subjetividade. Há uma parte organizada na psicose que consegue manter contato com a realidade.

Visualizamos esse anseio através das rodelas que Agustina desenha na tentativa de criar para si um centro, gerar um núcleo em meio à tamanha desordem. No trecho descrito a seguir, visualizaremos a ideia de que na gênese do caos há também forças que geram um centro em que o sujeito se reconhece, ou seja, uma parte mais organizada que se sobressai em relação àquela que se encontra caótica: “[...] uma de suas manias peculiares, mesmo sendo aparentemente desordenada, ou talvez para vencer sua desordem, consiste em marcar todos os objetos que nos pertencem [...]” (RESTREPO, 2008, p. 45).

Quem narra as atitudes de Agustina em tentar encontrar um eixo para a desordem é seu marido, um observador da relação que a personagem trava com o caos. Aguilar acompanha a angústia de Agustina por estar perdendo o eixo e, ao mesmo tempo, o anseio por encontrar nas linhas de virtualidade uma potência que traga sua atualidade. Segundo Levy (1996), a origem da palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, que significa potência. Recebendo diferentes significados ao longo das décadas, a palavra virtual já foi designada para considerar virtuoso aquele que apresentava qualidades valorosas de homem e guerreiro: força, heroísmo e poder. Essa terminologia nos oferece a compreensão necessária para considerarmos que no caos há potência, há uma suposta ordem naquilo que insiste em ficar desorganizado. Se partirmos da hipótese de que o sentido da palavra crise, a qual se torna um dos resquícios do acesso ao caos, não é o oposto de saúde, entendemos que é por esse viés, da desestabilização, que o sujeito imprime diante de si a possibilidade de se manter na busca por novos territórios.

Claro que nem sempre essa tarefa é concluída, ou seja, nem sempre as linhas de virtualidade se atualizam, pois a crise gera o desconforto de se estar em contato direto com o plano do caos e, dessa forma, angustiando o sujeito por estar desviando-o de seu núcleo. Essa virtualidade pode potencializar aquilo que Deleuze e Parnet (1998) chamaram de linhas segmentárias, molares e de fuga. Nossa subjetividade é composta por emaranhados de linhas que podem estratificar-se na segmentaridade, gerar pequenos desvios moleculares ou criar linhas de fuga para

agenciar potência nas possibilidades. Atualizá-las é saber transitar entre elas, em um jogo cauteloso para saber o momento de acioná-las. Se os autores lessem as narrativas do livro, diriam que nossa personagem se fixou nos estratos e não deu chance para existir naquilo que as fugas potencializam o sujeito.

Diante desse cenário, perguntamos como Agustina não conseguiu atualizar as linhas de virtualidade que atravessam por seu corpo, fazendo das linhas estratificadas, moleculares e de fuga um emaranhado responsável pelo estopim que faltava para sucumbir à subjetividade? Lança-se para o campo do problemático a possibilidade de um corpo que no acesso às linhas de virtualidade teme por não conseguir ultrapassar seu esgotamento.

3.4 Quando o corpo pede passagem

Para esse momento, retornamos à hipótese na qual estávamos trabalhando: a figura clínica do psicótico sofre uma parada no processo de desterritorialização, em que suas experimentações com o plano intensivo do caos não encontram um território para se materializar, ou seja, não ocorre o processo de reterritorialização. As linhas de virtualidade não se atualizam. Diferente do neurótico que ao sofrer um grau de ansiedade elevado consegue ainda saber sobre sua identidade, ou seja, quem é ele, de onde vem, o que está fazendo... O psicótico acessa essa ansiedade sem conseguir estabelecer ligação com a sua identidade, ou seja, é a perda de uma pertença que o conduz ao convívio em sociedade.

Neste cenário desterritorializado, encontramos um corpo que pede passagem, como processo vital da vida, mas que não consegue fazê-lo existir nesse movimento. Dessa forma, há uma parada naquilo que Sant'Anna (2001), em *Corpos de passagem*, considerou como o contato constante e direto com as dimensões duras e cruas da realidade. O corpo procura de todas as maneiras não entrar em contato com essas dimensões, pois acredita que dessa forma estará salvo daquilo que o caos gera, desacreditando naquilo que o corpo pode. No entanto, esse corpo, que se isenta de singularizar-se, acaba esquecendo que ficar preso em outros modos também é sinal de clausura.

Podemos pensar que as dimensões duras e cruas da realidade oportunizam a mudança de mapas, sendo que o corpo pede por passagem justamente por se tonar singular a esses movimentos. Os corpos que se transformam em corpos de passagem, aceitam essas dimensões como parte da vida e compreendem que é estabelecendo tolerância com as sensações que elas produzem que a subjetividade se singulariza. No entanto, o corpo que não tolera esse movimento não o torna de passagem, com isso comporta um território que também não se faz na passagem.

Diante da impossibilidade de fazer variar os territórios, o corpo anestesiado e imóvel isenta-se da capacidade de criar novas passagens para as barreiras que a vida coloca diante do sujeito. A nosso ver, é acabar com o que temos de mais precioso: a ampliação do corpo sensível e a potência de transformar um caminho em vários.

Há corpos que recusam ser passagem e esperam fazer evoluir seus nervos e tremores para ascendê-los à condição de uma alma separada do corpo. Mas nos corpos-passagens é a alma que amadurece em corpo enquanto este abandona sua suposta condição de suporte de inscrição da vontade (SANT'ANNA, 2001, p. 106).

Resgatamos nossa personagem e percebemos que a dualidade entre o corpo que se faz de passagem e o que não consegue mais provocar esse movimento se fez presente na infância até a vida adulta. Filha de pais rígidos, sua infância fora marcada pela riqueza, poder e dor, passando a maior parte atenta às vozes que determinavam o percurso da vida de sua família. O território familiar é apresentado pela relação distante e fria com a mãe e pelos poderes de adivinhação em relação ao pai, mantendo também com ele contato distante, de submissão, amor e ódio.

Com a chegada da adolescência, o território modifica-se e torna-se mais revolucionário: é marcado pelo cabelo comprido, estilo e discurso hippie e uso de maconha. Em seu apartamento não havia móveis, somente almofadas, velas, mandalas e gatos que encontrava pela rua. Nessa passagem da infância para a adolescência, percebemos que Agustina já estabelecia contato com o plano do caos, sendo que seus pensamentos onipotentes já denunciavam para uma possível parada no processo. Diante disso, lançamos o seguinte questionamento: o que se passou nessa parada do processo?

3.5 A compreensão edípica: a Psicanálise entra em cena

“Na clínica, como no rizoma, temos múltiplas entradas: o corpo, a fala, a música, a estética, a expressão, o olhar, o toque...” (DETONI, 2009, p. 26).

O fragmento extraído no livro de Detoni (2009) possibilita vazão às inquietudes frente ao estudo que nos propomos realizar desde o início desta pesquisa: buscar na Psicanálise e na Filosofia da Diferença ferramentas para compor o pensamento clínico. Lembramo-nos da proposta ousada que lançamos no início desse capítulo – o contato com a vizinhança da loucura – e pensamos se esta proposta de Psicanálise e Filosofia da Diferença conversar não seria também uma proposta ousada? Assim como expressou a autora, há múltiplas ferramentas que podem acompanhar o percurso da clínica na compreensão do sofrimento humano. A nosso ver, o que torna a clínica potente são as ações que vamos delineando ao longo de nosso trajeto, sempre direcionando nossa atenção para as necessidades que determinada situação nos exige.

Para isso, buscamos ilustrar nossas ideias em uma imagem delirante. Para esse momento, escolhemos como elemento de estudo os delírios da personagem, que desde sua infância já anunciavam sua existência. Percebemos então, que nossa personagem conceitual estabelece contato com o plano intensivo do caos desde sua infância, mas consideramos que é na fase adulta que ela revive essas intensidades e enclausura-se na loucura. Diante deste cenário, acompanhamos seus processos subjetivos e investigamos seus delírios, para então apresentarmos a clínica como um possível território para a experiência da loucura.

A proposta de auxiliar o pensamento na clínica impulsiona o desejo a fim de investigar a possibilidade de esta ser um território continente e acolhedor frente à fragmentação e dissociação psíquica do sujeito louco. Para tal exercício, propomos analisar como a Psicanálise e a Filosofia da Diferença podem contribuir para tornar a função clínica mais potente. Lembramos que nossa intenção não é articular os conceitos das duas propostas teóricas, comparando-os e afirmando suas eficácias ou ineficácias. O que desejamos é ajudar o pensamento a oxigenar suas ideias, possibilitar que ele transite entre as teorias e que consiga, nessa multiplicidade, encontrar suas maneiras de trabalhar na clínica.

Dessa forma, identificamos a presença de delírios que indicam o caminho percorrido pela subjetividade de Agustina, possibilitando a análise de seus conflitos. Esses delírios são pertinentes para nosso estudo, pois também dizem respeito aos movimentos que a loucura foi delineando. Ao investigar esses delírios sentimos a necessidade de resgatar algumas contribuições psicanalíticas para auxiliar o pensamento na proposta de analisar a função clínica no trabalho com as psicoses.

Aqui, trabalhamos com a perspectiva edipiana, mas não a tomamos como única possibilidade de continuar acompanhando o processo de enlouquecimento de Agustina. Para investigar a pergunta lançada anteriormente – o que Agustina enxergava no momento da passagem? – resgatamos no complexo de Édipo a possibilidade de compreender os delírios da personagem. Para continuarmos o debate envolvendo nossa personagem conceitual, percorremos por sua história e identificamos alguns acontecimentos que possibilitam à nossa pesquisa a criação de hipóteses para serem trabalhadas na função da clínica das psicoses.

Dessa forma, recorremos a Freud (1996, p. 206) para iniciar nossa investigação no campo da Psicanálise. O autor foi o primeiro a anunciar a possibilidade dos delírios serem a criação de uma nova realidade, permitindo a ampliação de nossas compreensões. Ele refere que a psicose “destina-se a reparar a perda da realidade, contudo, não às expensas de uma restrição da realidade – senão de outra maneira, mas autocrática, pela criação de uma nova realidade [...]”. Assim, o sujeito se depara com a empreitada de construir percepções que correspondem à realidade criada, sendo que o delírio ajuda o psicótico a criar um arremedo de território, um quase em casa, mas o qual não gera conforto algum.

Analisando os conteúdos dos delírios de Agustina, identificamos a presença de sentimentos onipotentes, o desejo de ser possuída pelo pai e a impossibilidade de aterrorizar o corpo feminino e experimentar-se enquanto um corpo sexuado e possível de conceber. Dessa forma, os conteúdos do delírio da nossa personagem nos remetem ao período edipiano, pois estão relacionados com a fixação na identificação com a figura paterna. Para a Psicanálise, principalmente as concepções freudianas, a estruturação do sujeito tem como eixo central a passagem pelo complexo de Édipo, o que representa a triangulação entre os pais e a criança.

Tanto a figura materna, quanto a paterna representam funções importantes para compreendermos a dinâmica das conflitivas edípicas.

Para problematizá-las no viés da Psicanálise elencamos três temas centrais nos delírios da personagem que possibilitam acompanhar o percurso de sua libido e a origem de seus delírios. Para essa análise acontecer, buscamos nos estudos de Nasio (2007, p. 10) o entendimento dos conflitos no período do Édipo. O autor desmistifica a ideia de que o complexo de Édipo é somente uma história de amor e ódio entre pais e filhos, há antes de tudo uma história de sexo, ou seja, de “corpos que sentem prazer em se acariciar, se beijar e de morder, em se exhibir e se olhar, em suma corpos que sentem tanto prazer em se tocar quanto em se fazer mal”.

Diante dessa hipótese, começamos nossa aproximação aos delírios de Agustina compreendendo que o Édipo está relacionado ao corpo, ao desejo, às fantasias e ao prazer. Dessa maneira, podemos pensar que o complexo edipiano fornece uma relação carnal, o desejo sexual entre pais e filhos. Explica o autor:

O Édipo é um imenso despropósito: é um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabecinha e no corpinho de uma criança de quatro anos e cujo objeto são seus pais. A criança edipiana é uma criança alegre que, em toda inocência, sexualiza os pais, introduzindo-os em suas fantasias como objetos de desejo e imitando sem pudor nem sendo moral seus gestos sexuais de adultos (NASIO, 2007, p.10).

Na leitura que o autor fez da Psicanálise esse é o momento em que, pela primeira vez, a criança conhece o movimento erótico de todo seu corpo em direção ao corpo do outro. Isso implica no contato com o corpo e o medo que essa relação pode gerar. Segundo Nasio (2007), há um perigo de ver seu corpo desgovernar-se sob a intensidade dos impulsos, por isso que a criança, nessa fase, sente-se perdida e desamparada.

Para olhar mais de perto o que acontece com Agustina, utilizamos seus delírios como forma de relacionar aquilo que a Psicanálise nos ofereceu enquanto compreensão edípica. A marca territorializante que define a infância de Agustina é o que caracterizamos como o primeiro tema central de seus delírios: a onipotência diante dos acontecimentos. Ela transita por esse território como a criança que possui poderes e adivinha o futuro. Destacamos em suas alucinações o pensamento

onipotente, pois Agustina acreditava ter a capacidade de saber quando o pai bateria em seu irmão mais novo.

Na adolescência, momento em que acontece a re-edição das conflitivas edípicas, o delírio onipotente de controlar o amor do pai refletia em seu interesse por meninos que a levavam ao cinema. Território escolhido para ver a Grande Vela, como chamava o pênis dos garotos, e assim manter o pai sob seus poderes. Identificamos aqui, o segundo tema central dos delírios de Agustina, o qual retorna com mais intensidade na vida adulta: a submissão diante do amor pelo pai.

Para dar vigor ao nosso estudo abriremos uma brecha na compreensão de Nasio (2007, p. 49) sobre o complexo edipiano feminino. Na fase considerada pré-Édipo, pois ainda não há atração erótica pelo genitor oposto, predomina um desejo de ordem incestuosa: o de possuir a mãe. Nessa fase pré-Édipo, a menina acredita que ela possui um Falo⁶ e mostra, através de seus comportamentos, “ser guiada por fantasias de onipotência fálica e prazer nas quais desempenha um papel sexual ativo em relação à mãe”.

Esse período de desejar e possuir a mãe, que mais tarde será transferido para a figura do pai – ser possuída pelo pai – é um momento pré-edipiano considerado necessário para mais tarde a menina acessar o pai e entrar no complexo de Édipo. Para essa perspectiva, a menina entra no complexo de Édipo após ter passado pela fase pré-edipiana em que sexualiza e depois rejeita sua mãe. Nessa fase, a menina deseja a mãe enquanto objeto sexual julgando-a ter um Falo.

Passamos então para a fase em que a menina começa a perceber as diferenças entre os sexos, visualizando que o menino tem pênis e ela não. Diante disso, ela fica decepcionada e julga que a fonte de poder não está mais com ela, mas sim no corpo masculino. Dessa forma, se instala na menina a fantasia de ter sido privada do Falo. É nesse momento que ela se volta para a mãe com desprezo por ter sido enganada e esquiva-se. A menina então, que ainda não recorreu ao pai, passa por um período de solidão que a deixa furiosa.

⁶ Nasio (2007, p. 53) diz que para a menina o Falo não é o pênis, mas a imagem de si: “o objeto narcísico por excelência não é uma parte de seu corpo, é seu amor-próprio, a imagem cativante de si mesma”.

Depois desse período de solidão, a menina entra no Édipo e se volta para o pai “afim de se refugiar e se consolar, mas também para lhe reivindicar seu poder e sua potência” (NASIO, 2007, p. 54). Então, ela percebe que o Falo não será seu. Ao constatar isso, a menina lança-se para o pai, não para lhe arrancar o poder, mas para ser ela mesma fonte do poder. Agora ela não quer mais ter o Falo, quer ser o Falo do pai: “isso significa que a menina quer, ela própria e por inteiro, o Falo precioso. Em outros termos, quer se tornar a favorita do pai” (NASIO, 2007, p. 55).

É passando esse momento de revolta com a mãe que a menina se volta para o pai desejando-o. O papel do pai nesse momento é dizer não à filha, não ao poder, pois ele não lhe pertence. É no momento da recusa do pai que a menina sente-se raivosa e determina que se ela não pode ter o Falo, ela será a fonte do poder, será ela mesma o Falo por inteiro. O autor explica:

Isso significa que a menina quer ser, ela própria e por inteiro, o Falo precioso. Em outros termos, quer se tornar a favorita do pai. Em virtude do “não”, primeira recusa paterna, a inveja ciumenta de deter o Falo do pai dá lugar agora ao desejo incestuoso de ser possuída por ele, ser o Falo do pai (NASIO, 2007, p. 55).

Nesse momento, indagamos o seguinte: seria esse o momento da parada no processo de nossa personagem? Seria nessa empreitada, de Agustina querer ser a favorita do pai, ser ela o Falo e seu gozo, que encontramos a captura que a paralisa em seu crescimento mental? Segue a narrativa: “e na cama Agustina ardeu em febre e de orgulho por ser o objeto do desgosto do pai e lhe fez uma oferenda, numa pequena cerimônia, solitária, secreta e no escuro [...]” (RESTREPO, 2008, p. 184).

Sobre a parada no processo do desenvolvimento, Winnicott (1990) nos fala do fracasso ambiental causado pela falha na tarefa de favorecer continuidade aos processos de amadurecimento do sujeito. Ocorrendo essa falha, os processos referentes ao crescimento mental ficarão prejudicados, o que vem a ser um acontecimento significativo que impossibilita a passagem pelo complexo de Édipo. Dessa forma, percebemos que Agustina ficou impossibilitada de passar pelo processo da maturidade para viver o percurso edípico. Sendo assim, ela paralisa na fase menina e fica impossibilitada de experimentar o que a vida adulta pode vir a proporcionar, como, por exemplo, menstruar e gerar filhos.

Assim, percebemos que a personagem não conseguiu fazer a passagem pelo complexo de Édipo, ou seja, não dessexualizou o pai. Identificamos ser esse o motivo de seu desejo ter ficado retido na imagem de ser possuída pelo pai, o qual a deixou presa na malha edipiana. É por isso que ao delirar que o pai se mantém todas as noites a sua espera, Agustina, ao sair com meninos, deseja tocar e segurar em seu pênis, sempre se lembrando do pai à sua espera.

Após investigar o percurso e a paralisação no complexo de Édipo em nossa personagem, voltamos para o terceiro tema central de seus delírios: a potência do sangue como única possibilidade de dominá-la. Ainda na passagem da infância para a adolescência encontramos três situações que marcaram a presença do sangue em seu desenvolvimento: o delírio da morte do irmão, por causa do sangue que escorria entre seus dedos; o sangue espalhado pelo corpo de um soldado e o delírio de que lhe oferecendo água poderia controlar a vontade desse sangue; e a menstruação atrelada à fraqueza de seu dom diante da potência do sangue.

Podemos pensar que Agustina se refere ao sangue como fraqueza, pois ele denuncia que sai de seu corpo um líquido quente e vermelho, o qual a identifica sexualmente como mulher. Essa ideia lhe diz que tem útero e que pode gerar vida, o que também diz respeito ao início da vida adulta que aponta para o fim da vida infantil, onipotente na qual tudo vê, sabe e tudo pode. Assim, Agustina reconstrói em seus delírios uma realidade inventada: ela se torna a criança que tudo pode e que tem o amor do pai. A possibilidade de voltar-se para a vida na qual tem um corpo feminino a habitar e um marido a quem amar, deixa nossa personagem barrada no desejo de se envolver com outro homem que não seja seu pai. Diante disso, Agustina aborta seus filhos, pois fica impossibilitada de encerrar seu percurso edipiano ficando retida no desejo de querer ser a eterna filha.

Diante disso, identificamos que os abortos sofridos por Agustina são atrelados à negação de ser mulher. Resgatamos em Freud (1996, p. 198) a ideia que a menina só renuncia o pênis (Falo) através de alguma tentativa de compensação, a qual se torna o desejo de receber do pai um bebê, ou seja, de dar-lhe um filho. Segundo o autor, o complexo de Édipo será abandonado de vez, pois esse desejo não se realiza: “os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo

feminino para seu papel posterior”. Percebemos que Agustina não renunciou o Falo do pai, pois ficou presa na imagem de ser possuída por ele. Dessa forma, perguntamos: que corpo é esse que fica impossibilitado de aterrar o corpo feminino e experimentá-lo enquanto um corpo sexuado e possível de conceber?



4 O QUE PODE O ENCONTRO COM A FILOSOFIA DA DIFERENÇA?

“A única maneira de teres sensações novas é construíres-te uma alma nova. Baldado esforço o teu se queres sentir outras coisas sem sentires de outra maneira e sentires de outra maneira sem mudares de alma. Porque as coisas são como nós a sentimos – há quanto tempo sabes tu isto sem o saberes? – e o único modo de haver coisas novas, de sentir coisas novas é haver novidade no senti-las. Muda de alma. Como? Descubra-o tu” (PESSOA, 2008, p. 290).

A inquietude frente à busca por uma “alma nova”, ou podemos dizer novas almas, impulsiona o desejo a fim de encontrá-las. Pessoa (2008), em seu desassossego, lança uma pista: é do plano das sensações que estamos falando. Para iniciar essa procura, e dela produzir encontros, precisamos trazer para perto de nossos conhecidos territórios a possibilidade das descobertas, aquilo que difere e movimenta. O que tal exercício propõe diz respeito às andanças que nos disponibilizamos a fazer ao longo de nossa existência. É então que outros saberes são convidados a participar daquilo que chamamos de o pensamento que se faz e desfaz nas sutilezas dos encontros entre corpos, sejam eles humanos ou inumanos.

Em busca de uma nova suavidade! É o que desejamos quando, tomadas pelas sensações, nos encontramos com a Filosofia da Diferença. Um pensamento que se coloca na infinidade da busca por novos traçados, rabiscos, escritos, estilos. Não esquecemos aquilo que a Psicologia em sua potência nos ensinou, mas nossa alma desassossegada clama por mais. Ela quer mais fluxos, mais possibilidades, mais criação, mais sensações. Nossa alma só encontra morada quando a inquietude não enfraquece. Pois, é nesse jogo do “descubra-o tu” que vamos traçando nossos modos de viver e, diríamos também, nossos modos de se implicar na clínica.

O que se quer é fazer da Psicologia um pensamento dos desvios. Desviamos daquilo que ela nos oferece para encontrar novos ares naquilo que ela nos inquieta, o que implica mudar de alma. Dessa forma, é do mal-estar gerado por essas inquietações que produzimos uma Psicologia que se quer nas intensidades, e que vai aos encontros tomada pela seguinte frase: “quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

O que descobrimos nessa procura foi que o encontro com a Filosofia da Diferença pode tornar o pensamento clínico ainda mais potente. É em suas linhas de fuga que traçamos agenciamentos para fazer do cuidado nossa ética, nossa expansão da vida. Enquanto ferramenta teórica, os filósofos da Diferença possibilitam ampliar a visibilidade dos discursos produzidos na clínica, gerar fluidez e sensibilidade a seus enunciados e compartilhar outras maneiras de se relacionar com os contornos subjetivos que envolvem o sujeito da psicose.

Por isso, no capítulo anterior iniciamos nossa aventura investigativa acompanhando os movimentos que a subjetividade delinea. Identificamos o plano do caos como possibilidade de fazer o território ser um local de passagem, considerando que é nesse acesso que o sujeito consegue existir no encontro entre corpos. No entanto, também averiguamos que o acesso a esse plano das forças gera desconforto, estranhamento e medos. Identificamos que um desses medos é o de enlouquecer, perder a pertença de si, ficar sem referência e sem a possibilidade para produzir “alma nova”.

No domínio de nossa história ainda temos uma loucura herdada dos manicômios, aquela que desconsidera o estranhamento embutido nos sujeitos psicóticos. É desse estranhamento, gerado pelos olhares neuróticos, que se dá a curiosidade pelas potências aprisionadas ao sujeito desacreditado perante o cerne capitalista. Assim, ao invés de negar a dimensão intensiva que produz a relação com o campo da loucura, nossa proposta é de ouvi-la. Escutar o que além de uma vida enclausurada?

Tomando como interesse esse estranhamento, através de um breve recorte buscamos mostrar nesse capítulo o que acontece com o louco sob o ponto de vista da Filosofia da Diferença, sendo que, assim como Pelbart (1989), trabalhamos com

a loucura no plural e não a resumimos a um único modo de relação. Para isso, capturamos fragmentos da conversa entre Deleuze e Foucault (1979, p. 71) e nos instigamos a pensar a pesquisa como “uma caixa de ferramentas”, da qual conhecer os instrumentos que lá estão porvir só é possível pelo processo da contaminação. Assim, encontramos nessa caixa conceitos como: Fora, força, clausura, corpo sem órgãos - conceitos que geram estranhezas e necessidades, pois impulsionam nosso anseio pela investigação da psicose e nos mostram que sem eles nosso caminho seria solitário.

Então, resgatamos em Pelbart (1989), o que o conceito de Fora significou para Nietzsche. Ele o chamava de caos, e é nessa analogia que iremos trabalhar. Mas, o que compete a esse Fora? O que seria o inverso, um dentro do Fora? O sujeito está fora ou dentro de um território específico? O que move a pesquisa diante do sujeito que sucumbe e perde-se no abismo da desrazão é pensar o desafio clínico em territórios móveis que transitam em seu caráter híbrido, ocasionando tanto uma visão clínica quanto estética da loucura. Dessa forma, a loucura ganha visibilidade na criação de um campo podendo ser mitológico, artístico, passando pelas culturas e rituais. É possibilitar que os efeitos da ruína, aqueles ocasionados pela desordem da loucura, produzem uma visão estética: “subversão estética”, segundo Pelbart (1989, p. 14), que cria terreno para as compreensões ousadas que desejam ir para além do sofrimento psíquico.

4.1 A clausura nas intensidades: o plano do Fora

“Atrás da porta, mundos à parte, em partes, que não conectam mais, a realidade, mas que em cores, explodem, atrás da porta, vidas, que se guardam, em algum lugar, que não sabemos, atrás da porta, vidas vividas, em dores, que não vemos que não queremos, que não vivemos, mas que ainda assim, são vidas, atrás da porta” (SALISTER⁷, 2010).

Após delinear o encontro da subjetividade com o caos, começamos a esboçar outra maneira de nos relacionar com o campo das intensidades. Lidar com tal

⁷ Poema capturado na exposição do artista e designer Leandro Salister realizada no Hospital Psiquiátrico São Pedro – Porto Alegre/RS, no período de 21 de junho a 21 de agosto do ano de 2010.

dimensão, nos motiva a convidar, para fazer parte de nosso cenário, o conceito de loucura proposto por Pelbart (1989). Para o autor, a loucura é a exposição total e sem mediação da subjetividade com as violências das forças do Fora, ficando o sujeito exposto e sem proteção: “[...] a única coisa que existe aqui é a alma nua de minha mulher e que a loucura sai diretamente dela, sem a mediação de elementos alheios” (RESTREPO, 2008, p. 21).

Seria esse o processo que acontece com o louco, o qual Agustina também passou? Para investigar essa pergunta, resgatamos o que compete a essas forças e o que o Fora representa para o sujeito que se encontra imerso num dentro do Fora. Para Pelbart (1989) as forças são intensidades sentidas no corpo enquanto afetação, sendo que uma força só existe em relação com outra força. Nesse jogo, há uma pluralidade de forças que compõe um plano que comporta sua exterioridade e, ao mesmo tempo, sua intimidade. Lembramo-nos do plano do caos e, a partir de agora, buscamos entendê-lo como a plenitude absoluta do Fora.

Coelho e Farina (2010) escreveram sobre o que não caracteriza o Fora: não é um lugar, nem um objeto. Mas então, o que compete a esse Fora? Um plano que aloja forças na função de contestar aquilo que é imposto ao sujeito, em que se toca nesse plano quando se deseja criar outras possibilidades, linhas de fuga ao pensamento e aos modos de existir. Mas, ao mesmo tempo em que esse acesso permite oxigenar a subjetividade, propiciando fissuras nos modos até então enraizados de viver, há o medo de sucumbir-se nessas forças e perder-se de vista. Aqui, lembramo-nos do que acontece com a subjetividade quando não tolera os efeitos causados pela relação de vai-e-vem com o caos: viciados em identidade, estressados, deprimidos, loucos...

Tal situação nos remete à ideia de Pelbart (1989, p. 138-139) de uma personagem exilada na clausura desse Fora. Uma imagem do informe que abandona seu território subjetivo quando interioridade, identidade, memória, história, continuidade diluem-se junto com a ruptura, perdendo-se. Pois, para o autor a “loucura é com efeito uma viagem para Fora, um vagar no Aberto. [...] é o destampe do gargalo subjetivo, pelo qual o vórtice que plana sobre sua abertura aspira o sujeito como um todo”. Tragado pelas forças intensivas e pelo rompimento da passagem entre o pensamento e o Fora, o sujeito fica imerso na loucura. Esse novo

mapa, construído a partir da desterritorialização, denuncia uma paisagem do informe, inerte, esvaziada, sem-forma, onde o rudimentar é o seu cenário, a sua porta de entrada.

Segundo relatos do companheiro de Agustina, percebemos que essa imagem do informe predominou em nossa personagem deixando-a enclausurada nas intensidades, ou seja, no plano do Fora: “[...] Aguilar, observador que indaga a que horas se perdeu o sentido, isso que chamamos sentido e que é invisível mas que quando falta a vida já não é vida e o humano deixa de sê-lo” (RESTREPO, p. 16, 2008).

Dessa forma, ficar preso nas intensidades é enclausurar-se no Fora. É nesse processo que o louco paralisa, movimento no qual o Fora é cristalizado. Também podemos dizer que foi nesse mesmo processo que nossa personagem perdeu-se. Nessa passagem de desterritorializar o mapa e entrar em contato com as forças intensivas do Fora, a subjetividade deixa de curvar-se no Fora para escancará-lo. Diante de tal cenário, encontramos um sujeito que não conseguiu fazer seu corpo tornar-se pleno, ficando esvaziado numa figura clínica do louco: “[...] o rio de sua loucura vai deixando um rastro até nas estantes dos livros e nos armários” (RESTREPO, p. 15, 2008).

4.2 Do corpo pleno ao corpo vazio: as possibilidades do corpo sem órgãos

“Eu fico louco. Eu fico fora de si. Eu fica assim. Eu fica fora de mim. Eu fico um pouco. Depois eu saio daqui. Eu vai embora. Eu fico fora de si. Eu fico oco. Eu fica bem assim. Eu fico sem ninguém em mim” (ANTUNES, 1995).

Frente a este cenário temos a seguinte proposta: analisar em que momento nossa personagem “fica oca”, “fora de si” e “sem ninguém dentro de si”. Em que momento as linhas de fuga não possibilitam a criação de novos territórios. Fora e dentro. Dentro e Fora. Formam uma curvatura, pois não há como delimitar quem vem primeiro, o dentro comporta o Fora e o Fora o dentro. Nessa dobra, a subjetividade se faz e desfaz, cria seus modos de existir, inventa suas melodias ou,

então, sucumbe no oco, no vazio pleno de forças. É como se o vazio fosse cheio. Cheio de dor, despedaçado, esquizofrênico.

Percebemos que nossa personagem acessa o Fora através das lembranças que teve de seu passado. É quando ela se depara com uma angústia intensa que estabelece a ligação com as forças do Fora. Consideramos importante salientar que esse rompimento é pertinente à sua história, pois desde sua infância Agustina estabeleceu ligação com essas forças intensivas. A onipotência toma conta de seu corpo, os delírios criam outros cenários e as alucinações reiteram sua suposta divindade.

É no momento da clausura no Fora que encontramos um devir-louco, não havendo forma, tranquilidade, organização, consistência. No sujeito encontramos palavras que “viram coisas, corpos, matéria sonora, os objetos viram signos, a disposição dos móveis numa sala pode ser um enunciado persecutório enquanto as frases podem deslizar para o registro do ruído” (PELBART, 1989, p. 140).

É como se Agustina habitasse um plano paralelo ao real, próximo mas inabordável, é como se falasse uma língua estrangeira que Aguilar reconhece vagamente mas não chega a entender (RESTREPO, 2008, p. 10).

Perguntamos: que novo perfil é esse? Há duas possibilidades quando se arrisca nessa aventura: estabelecer contato com o Fora, acessando-o e materializando o que fica enquanto sensação; ou então, não conseguir fazer a passagem para esse plano vertiginoso, não utilizar a prudência para se relacionar com as forças. Na primeira, encontramos o artista. Na segunda, visualizamos o louco. Agustina é a figura clínica do louco que não conseguiu fazer a passagem e suportar o assombro gerado pelas forças do Fora, por isso ao invés de preencher seu corpo de potência, ele esvazia-se.

O que predominou na personagem foi o desassossego que não encontrou “um solo de apoio para sua loucura” (COELHO; FARINA, 2010, p. 206). Ficando presa nos agenciamentos das forças, Agustina é inundada pela violência e velocidade de suas conexões, em que não há terreno para materializar essa experimentação. Lembramo-nos de Nando Reis (1995) cantando: “*onde lugar comum é viajar nas ilusões [...], cair do abismo dos pensamentos [...]* Numa mistura

de loucura e lucidez, vou viajando e me perdendo em ilusão”. Quando falamos em solo de apoio para a loucura, ou então a ausência de um terreno para materializar a experiência, falamos em uma passagem que fica no entre loucura e lucidez e, no momento em que acontece a clausura, encontra-se rompida, aberta e desnuda.

Para que a loucura se instale é preciso romper com essa passagem que possibilita tanto o acesso ao Fora, quanto a clausura no Fora. A subjetividade anuncia que uma nova curvatura está por formar-se, sendo que é nesse momento que podemos dizer que os modos de subjetivação rompem com aquilo que Pelbart (1989) chamou de o gargalo subjetivo: o bolsão da subjetividade está prestes a diluir-se. É no gargalo subjetivo que encontramos, além de uma potente via de comunicação com o Fora, a responsabilidade por selecionar as forças que vêm desse plano. É lá que se mantém a passagem, a ponte de acesso para o plano abstrato, estratificado, sem-forma.

Investigamos esse momento crucial em nossa personagem, imagem que ilustra a passagem para o Fora se enclausurando nas intensidades descontínuas provocadas pelas forças desse plano: Agustina revive as mentiras e falsidades que sempre envolveram sua família e delira a presença do pai, já falecido. Seria este o início de sua desterritorialização?

Se antes descrevemos a subjetividade como uma crispação do Fora, podemos dizer agora, em contrapartida, que a loucura é a sua dis-tensão. A dobradura se des-dobra, abrindo-se, e forças anteriormente re-torcidas na zona de subjetivação se dis-torcem. Do mesmo modo que o afeto de si por si (afeto no sentido espinozano) se re-vira, des-afetando-se, e o sujeito que antes curvava a força (sujeito da força) torna-se agora, louco, sujeito à força (PELBART, 1989, p. 139).

Sujeito da força que se torna sujeito à força, é assim que a loucura lança o corpo para as intensidades avassaladoras do caos. O corpo na psicose encontra-se desdobrado à amplitude de um mundo próprio. Corpo que não consegue mais intermediar o plano das sensações com o plano do orgânico, não consegue mais fazer o território ser uma morada de passagem, ou seja, um constante devir. Dessa forma, trava-se uma batalha entre forças e formas, dentro e Fora, segmentaridade e fuga. *“Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro ser”*, já dizia Carlos Drummond de Andrade (1984, p. 7) em seu poema *“As contradições do corpo”*.

As palavras do poeta expressam a dificuldade que o sujeito dito psicótico tem de existir, levando-o a abrir mão de seu corpo: “o louco já é um corpo que não habita um si: dobrou-se no fora e não subjetivamente” (COELHO; FARINA, 2010, p. 209). São nessas incoerências do corpo que consideramos necessário ampliar nosso debate para a diferenciação de um corpo potente para aquele esvaziado. Deleuze e Guattari (2012) apresentam o corpo sem órgãos que pode existir através de duas possibilidades.

Começaremos pela seguinte: “um corpo sem órgãos é feito de tal maneira que só pode ser ocupado, povoado por intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 16). Esse corpo, nada tem a ver com o corpo da medicina, com o orgânico ou com os órgãos. Não são as formas que o sustentam, são as forças. Não há imagens próprias desse corpo, o que temos são as sensações de um corpo povoado por intensidades, banhado pelas forças. O corpo sem órgãos, pleno de potência, consegue fazer a passagem entre os territórios, afetar e ser afetado no encontro entre corpos transversalizados pelas linhas de virtualidade que se atualizam.

Como maneira de distinguir o corpo organismo do corpo das sensações, Rolnik (2004) apresenta duas possibilidades para se conhecer o mundo: através das formas e das forças. O primeiro modo diz respeito a convocar a percepção, já o segundo convida as sensações para desbravar seus territórios. Nos interessamos pelo segundo modo que aciona o “corpo vibrátil” como maneira para captar as diferentes sensações produzidas no encontro com o outro, procurando dar passagem às intensidades geradas.

Permitir o acesso ao corpo vibrátil, ou seja, ao corpo das sensações, é a maneira que o sujeito encontra para dar possibilidades à vida continuar fluindo. É através do desmanchamento causado pelo contato intensivo com essas sensações que o sujeito consegue conhecer a si próprio, saber de seu desejo e o que das relações quer experimentar. Diante desse cenário, voltamos para nossa personagem e lançamos as seguintes indagações: o que se passou com o corpo que não conseguiu se tornar potente? Como conseguir agenciar as sensações que o atravessam?

Nesse momento encontramos a segunda possibilidade que o corpo sem órgãos acessa: se antes ele estava potente, agora se encontra esvaziado. O motivo? Não conseguiu fazer a passagem, não conseguiu reterritorializar-se, o que significa dizer que não usou a prudência como sua aliada. Jogado ao campo extremamente intensivo do Fora o corpo é tomado por um estado singular. Resgatamos em nossa personagem a ideia de um território que não possibilita a passagem do elo entre o corpo organismo e o corpo sensação, pois o contato com o corpo que denuncia sua existência enquanto carne, órgãos e razão não são suportados pelo psicótico.

Seria esta a dificuldade de Agustina, acessar seu corpo organismo? Segundo as narrativas do livro, tomar banho, vestir-se e entrar em contato com o sangue da menstruação são situações que a colocam em contato com seu corpo orgânico, o qual a desorganiza: “[...] permanece dia e noite de pijama [...], esquecendo-se de comer, escutar, olhar, é como se contivesse dentro de si a totalidade de seu horizonte de acontecimentos” (RESTREPO, 2008, p. 168). O desmanchamento do corpo real, provocado pelo contato com as sensações, faz com que:

Um corpo sem órgãos que quebrasse todos os estratos, se transformaria imediatamente em corpo de nada, autodestruição pura sem outra saída a não ser a morte [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 29).

Novamente, voltamos para nosso personagem conceitual para retomar o momento em que o organismo é completamente desfeito, ficando esvaziado em vez de preenchido por potência. O que o corpo não aguenta mais? Agustina não aguenta mais as verdades que constituíram um corpo falso. É isso que nossa personagem não tolera, é dessa forma-mulher que a todo instante grita que sua história não passou de uma mentira. O delírio na adolescência que representava a submissão diante do amor pelo pai, retorna na vida adulta quando Agustina cria uma linha divisória estabelecendo um controle implacável do território. Por delirar a visita do pai ela acredita que ele virá para contar-lhe as verdades sobre sua história. “Meu pai me avisou que se vocês estiverem em casa ele cancela a visita [...] fiquem aí, diachos, ali é a casa dos filhos-da-puta e aqui é a minha [...]” (RESTREPO, 2008, p. 169).

Nossa personagem se desterritorializa, e mantém-se desterritorializada, quando não consegue fazer o processo de reterritorialização, ou seja, quando não encontra um território estável em que possa pousar. Podemos dizer que quando Agustina não consegue preencher o corpo sem órgãos de potência e alegria, a loucura acessa forças incontroláveis que a descentram, impossibilitando de sofrer o contágio de outros fluxos que, agenciados, poderão ajudá-la a encontrar outros territórios para si, dar passagem a outros corpos. É no momento da desterritorialização que ficamos sabendo dos sinais da dissociação psíquica da personagem:

[...] todos os alarmes tinham disparado, primeiro as suas mãos que se retorciam, depois aquela careta feia que transtorna o seu rosto, e logo em seguida o alerta vermelho máximo, o SOS supremo, que é a sua voz quando fica metálica e começa a pontificar [...] (RESTREPO, 2008, p. 234).

Neste instante, Agustina enclausura-se no Fora e acessa modos errantes, o que significa dizer que não consegue aterrar suas experiências e encontrar referências. O devir-louco atravessa nossa personagem e expressa o seguinte corpo:

[...] tudo gravado a carne, perfurado a pele, atravessando-o, desmembrando-o, projetando sobre ele imagens materializadas, explodindo-o, incendiando-o, engolindo-o. Esse é o corpo despedaçado, corpo-coador, corpo-tela, cinema vivido nas vísceras, superfície feita de profundidade. Se há profundidade no louco, é nesse sentido, do Fora adentrando o corpo-tela (PELBART, 1989, p. 171).

Podemos pensar que corpo-coador é aquele em que tudo fura a pele, atravessa a dobra subjetiva e habita um corpo sem órgãos vazio, no qual a potência deixou de circular e a morte, enquanto paralisação em um modo doente, vigora. O corpo-coador comporta a sensação de estar perfurado por uma infinidade de buracos, enquanto que tudo é sugado e incorporado por esse corpo em que o sentido das coisas foi arreventado, sucumbindo-o em uma superfície onde predomina a ausência de sentido.

Encontramos em Deleuze (2006a) a primeira evidência desse corpo-coador: a superfície que faz transitar os sentidos das coisas se arreventou. O contorno subjetivo se rompe e com ele dilui-se também a fronteira entre os fatos, aquilo que de real aconteceu; e as hipóteses, possibilidade de criar alternativas para a vida.

Dessa forma, o que Pelbart (1989) expressou na citação acima, sobre o corpo despedaçado, é exposto quando não há mais uma superfície nos corpos, ou seja, quando não há mais um plano que filtra e seleciona as forças que emergem do Fora: “A loucura é um conjunto de coisas desagradáveis, por exemplo é pedante, é odiosa e é tortuosa” (RESPRETO, 2008, p. 103).

Então, podemos pensar que o sujeito do corpo que não filtra mais as forças, assim como aconteceu com Agustina, é o corpo sem órgãos desvitalizado, aquele que fica sem referência diante das relações e dos modos de fluir a vida. Tomado por intensidades que transbordam os processos civilizatórios, o psicótico fica a mercê, escravo de sua loucura, do investimento no próprio eu. A re-criação de si, com a construção do delírio, denuncia o desmanchamento da consciência e de todo desdobramento que estar normatizado a algumas instâncias envolve (como por exemplo, a linguagem, a nomeação de objetos, padrões, regras). Tais situações evidenciam que o corpo da psicose denuncia as intensidades do sujeito e a multiplicidade que o contorna, pois a unidade desmanchou-se: “[...] sinto que a doença de minha mulher avassala minha identidade [...]” (RESTREPO, 2008, p. 103).

No entanto, ao mesmo tempo revela o quanto a força que não se atualiza em matéria, que não se liga a um objeto externo, não conseguindo vingar em uma relação de pensamento, de trabalho, em um projeto amoroso, continua circulando enquanto força que só descentra e separa o sujeito de estar em conexão com essas relações, nos fluxos da vida. Isso explica a ideia de que há um limiar tênue entre a possibilidade de invenção de novas/outras formas e a destruição de todas as formas. O que torna o corpo sem órgãos potente é saber jogar com as forças e não sucumbi-las à sua virulência: “[...] quando ela chegou a fase superior do delírio consumado, É que você nem ouvia nem via nem muito menos queria saber de raciocinar [...]” (RESTREPO, p. 251, 2008).

Saber fazer a passagem é o que Deleuze e Guattari (2012, p. 25) disseram a respeito dessa aposta no corpo sem órgãos virtualizado, o que implica saber guardar um pouco do organismo para que ele se recomponha a cada outro território conquistado. Pois, segundo os autores, não se atinge o corpo sem órgãos pleno de potência desestratificado por completo: “desfazer o organismo nunca foi matar-se,

mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjugações, superposições e limiares, passagens e destruições de intensidades [...]”. Diante desse corpo em conexões, lançamos a seguinte questão: potencializar o corpo que está vazio não seria uma das intenções da clínica que se encontra com a figura do louco?



5 DA ERRÂNCIA AO TERRITÓRIO: SOBRE A FUNÇÃO CLÍNICA

“Nenhum teto protege o navegante ao mar entregue. É o que não sabe o que vai em vida mansa, rico e risonho, os pés na terra estável. Enquanto, meio morto, mourejando, eu moro em móvel-mar” (POUND, apud CESAR, 2003, p. 27).

O trecho do poema acima citado nos remete à ideia de errância que ao longo da pesquisa trabalhamos. A palavra errância vem do significado errante, que segundo Bueno (1996) significa nômade. A ideia de nômade nos remete a um sujeito que não tem pouso fixo e por isso fica errante, o que podemos dizer que está impossibilitado de encontrar referência. No entanto, ter pouso fixo não significa dizer que há somente um lugar em que o sujeito pertença e por isso deve instalar-se. Pelo contrário, é através dos “pés na terra estável” que o sujeito consegue transitar por outras terras, habitar outros territórios e compartilhá-los. É o que Deleuze e Guattari (2012, p. 26) alertaram sobre um pouco de nova terra que deve acompanhar o sujeito “para que ele recomponha a cada aurora”.

Cesar (2003), ao falar sobre a metáfora dos que moram em “móvel-mar”, expressa, através de sua experiência clínica, o que aconteceu com o sujeito que rompeu com o mundo das representações, pois não manteve uma relação meticulosa com o plano do Fora e, por isso, ficou sem “nenhum teto” que o protegesse. Podemos pensar que estar em “móvel-mar” é estar tomado pela angústia de não saber onde se alojar no mundo, um corpo que se esvaziou pelo ódio de não conseguir existir. Diante de tamanha angústia, o sujeito depara-se com a impossibilidade de encontrar estabilidade, ou seja, não consegue ligar a força de sua angústia a objetos externos como, por exemplo, em uma relação de pensamento, trabalho, projeto amoroso.

Os que moram em “móvel-mar” são tomados pelo sentimento de profunda solidão e pela necessidade de pertencer à espécie humana. A dificuldade de existir enquanto sujeito nos fala da impossibilidade de pertencer ao território e fazer com que ele seja de passagem, pois é nesse movimento que o sujeito consegue fluir a vida. Para Cesar (2003), é na relação com o analista que o sujeito, tomado pela dificuldade de existir, irá experimentar o sentimento de pertencer.

Tomadas por essa possibilidade, pousamos no plano da clínica e, diante de nós, encontra-se uma imagem delirante. Convidamos nossa personagem conceitual para impulsionar o desejo a fim de investigar o que pode a clínica quando se dispõe acolher a angústia do sujeito que não consegue encontrar um território estável para existir. Ao identificar, nas narrativas do livro *Delírio*, que não foram acionadas possibilidades de saúde para Agustina, ficamos interessadas em problematizar o papel da clínica diante do trabalho com o psicótico. O que pode a função clínica diante da errância do sujeito que não consegue operar em uma estabilidade?

Para investigar tal questionamento é preciso trabalhar o que fundamenta o território que propomos como possibilidade de saúde, ou seja, o que compõe a atmosfera desse lugar que se torna estável para acomodar a desestabilização do sujeito. Para que a clínica seja esse lugar de acolher a angústia do psicótico, precisamos esmiuçar de qual função clínica falamos entre tantas outras que compõem a clínica das psicoses.

5.1 A função clínica na psicose e as possibilidades para criar território

“A mãe suficientemente boa é o paradigma do analista na clínica winnicottiana” (DIAS, 2003, p. 133).

Ao relacionar o conceito winnicottiano como sendo um “modelo” do analista na clínica, Dias (2003) possibilita o desbravamento da ideia que norteará nossas discussões em relação à função da clínica. O conceito de mãe suficientemente boa guiará nossa problemática a fim de pensar em um território para a errância da psicose, o que vem a ser um ambiente supostamente preparado para acolher sua

desorganização e, dessa forma, oferecer estabilidade para que consiga funcionar em modos mais organizados.

Além da contribuição da autora, consideramos relevante pensar na função clínica através do conceito de mãe suficientemente boa, pois a descrição winnicottiana fala de uma mãe comum, que se preocupa com os cuidados de seu bebê, relacionando-se com ele pela sensibilidade. Fala também de uma mãe que está atenta às necessidades de seu filho, sendo que, dessa forma, oportuniza que os processos de desenvolvimento sejam realizados de maneira satisfatória, rumo à independência. Não seria esta uma das funções da clínica?

Winnicott (1975, p. 25), ao criar o conceito de a mãe suficientemente boa - *the good enough mother* - atribui a capacidade da mãe em reconhecer a dependência do bebê, identificando-se com ele para poder responder às suas necessidades. Percebemos que o cerne de sua função está atrelado à capacidade de atender as necessidades do bebê, o que vem a ser a disponibilidade que a mãe tem ao estar atenta as manifestações de seu filho. Nas palavras do autor a mãe suficientemente boa “é aquela que efetua adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração”.

Diante dessa capacidade, de cuidar e estar atenta às necessidades, a função clínica pode se tornar um ambiente facilitador, o que para Dias (2003, p. 343) diz respeito à própria função da mãe suficientemente boa. A função clínica deve desenvolver uma função materna para poder conter o psiquismo do paciente, portanto é preciso tornar o ambiente um lugar que acolhe e se mantém atento às necessidades, sendo que uma destas relaciona-se ao oferecimento “de confiabilidade e de comunicação humana verdadeira”.

Em relação ao ambiente, Winnicott (1990) diz que a psicose é resultado do fracasso ambiental na sua tarefa de favorecer a continuidade dos processos de amadurecimento nas etapas mais primitivas em que impera a dependência. Diante disso, a clínica que se dedica a trabalhar com pacientes psicóticos precisa estar atenta àquilo que o ambiente não ofereceu ao sujeito. Ao falarmos nesse ambiente,

devemos levar em consideração que ele deve ser um facilitador para o desenvolvimento, tendo em vista que a confiança é um atributo importante.

Se facilitar é oportunizar a confiança, podemos pensar que estamos falando dos processos humanos, o que nos leva a compreender que as falhas fazem parte do processo materno e terapêutico e não constituem um problema em si. Para Winnicott (1990) uma postura adequada diante da falha consiste no reconhecimento e na atitude do ambiente em relação à falha cometida. Diante disso, o ambiente precisa ter presença verdadeira, interesse genuíno e atenção plena (DIAS, 2002). É dessa forma que a função clínica que propomos envolve um ambiente que acolhe a desorganização do psicótico lhe oferecendo confiança para que, na relação terapêutica, ele possa ser aquilo que realmente é.

Para “deixar o outro ser como é e como pode ser” (DIAS, 2002, p. 354), o ambiente facilitador deve oportunizar ao paciente o que Winnicott (2001) chamou de *holding*, como sendo mais um atributo desenvolvido pela mãe suficientemente boa, que na clínica perpassa pela capacidade de sustentar, conter e dar suporte. A função de *holding* é o principal atributo do *setting*⁸ analítico, pois oferece, através dessas três capacidades, uma qualidade de presença e comunicação preciosa entre terapeuta e paciente. Para conter e acolher a angústia do psicótico precisamos reproduzir na atmosfera clínica aspectos fundamentais do *holding* materno como, por exemplo, “temperatura adequada, iluminação suave, ausência de ruídos perturbadores, constância objetal⁹, pontualidade, previsibilidade” (MELLO FILHO, 2003, p. 53).

Diante desses aspectos fundamentais, o ambiente terapêutico deve manter-se estável no que se refere à disposição dos objetos, tanto externos quanto internos relacionados à figura do terapeuta, a fim de acolher a fragmentação e desorganização psíquica do sujeito. Essa estabilidade é que vai manter o *holding*

⁸ Nosso entendimento se refere à Zimerman (1999, p. 301) quando ele diz que o *setting* representa “todos os procedimentos que organiza, normatiza e possibilita o processo psicanalítico”.

⁹ O significado de constância objetal está relacionado ao objeto (representado pela função materna) aparecer para o bebê sempre que ele precisar, assim ele vai ganhando segurança de que sempre será atendido. Podemos dizer que a criança vai aprendendo a separar-se de seus pais de forma que a confiança que tem neles lhe permite acreditar que sempre estarão de volta e que, dessa forma, ela não será abandonada. Passando para a função clínica, oferecer constância objetal para o paciente significa dizer que o terapeuta estará disponível e atento durante as sessões, fortalecendo o vínculo para que o paciente possa se sentir seguro mesmo na ausência do terapeuta.

ativo no *setting* terapêutico, permitindo que o ambiente se torne confiável, continente e acolhedor. Possibilitar que esse espaço seja um território em que o paciente consiga expressar suas angústias se torna uma ferramenta fundamental de trabalho diante do sujeito que não consegue integrar suas experiências com o mundo interno e externo.

Winnicott (1994) diz que para casos como a psicose, fornecer um *holding* por meio da manutenção regular do *setting* se torna mais significativo do que utilizar o recurso da interpretação. Se compreendermos que a psicose se dá pelo rompimento com o mundo das representações, ou seja, quando não ocorre o acesso ao mundo simbólico, temos um sujeito que ficou preso àquilo que é anterior a palavra. Dessa forma, o recurso da interpretação não terá o efeito a que se propõe, pois:

A análise transcorre fundamentalmente no nível pré-verbal. [...] os afetos ganham o lugar da representação – não há palavras para se falar do vivido em nível pulsional (CESAR, 2003, p. 30).

Se falarmos em uma função clínica que opera no nível pré-verbal, estamos trabalhando com a hipótese de que o sujeito encontra dificuldades de existir e construir uma identidade, pois o não acesso à simbolização impede o sujeito de experimentar os processos da vida em sua tragicidade. Assim, “o tratamento bem-sucedido de um psicótico permite que o paciente comece a viver e comece a experimentar as dificuldades inerentes à vida” (WINNICOTT, 1990, p. 100).

Retomamos Sant’Anna (2001) para falar da dificuldade que o corpo tem em entrar em contato com as dimensões duras e cruas da realidade, o que vem a ser semelhante à forma com que Winnicott expressou sobre a capacidade do terapeuta oportunizar a experimentação das dificuldades intrínsecas à vida. Frustrá-lo também faz parte da capacidade da mãe suficientemente boa e da função clínica, por exemplo, dizer ao sujeito psicótico que determinada situação não pode ser realizada, pois diz respeito à suas fantasias, é adequá-lo à realidade, ou seja, colocá-lo em contato com o mundo externo, com os processos que envolvem a dimensão humana. Para Zimerman (1999):

O analista deve ter claro para si o fato de que a capacidade de tolerância às frustrações é imprescindível para a formação de símbolos e para a mudança psíquica, a qual implica em uma ruptura com os conhecimentos e

o código de valores previamente estabelecidos pelo paciente (ZIMERMAN, 1999, p. 234).

Tornar esse exercício parte da função clínica é fundamental para que o sujeito não se desmanche na passagem para o plano do Fora. Assim, é preciso auxiliá-lo para que no território da clínica ele consiga conservar o que Deleuze e Guattari (2012, p. 26) chamaram de “pequenas ramificações de subjetividade”, pois conservando o suficiente da subjetividade o sujeito conseguirá tolerar e responder à realidade tornando seu corpo, ao invés de vazio, potencializado.

Segundo Zimerman (1999), o corpo esvaziado do psicótico experimenta, de maneira intensiva, a dissolução e desintegração do ego. Ao se enclausurar em uma figura clínica do louco, essa experimentação costuma vir acompanhada da sensação de não habitar o próprio corpo, o que é traduzido no paciente através de sentimentos de estranheza e despersonalização. Tornar esse corpo potente, ou seja, revitalizá-lo para produzir e ser produzido nos encontros com o outro, agencia a possibilidade da qual almejamos: tornar a função clínica como território que auxilia o sujeito psicótico a preencher seu corpo através das qualidades de uma mãe suficientemente boa.

Para que a sensação da perda da realidade seja acompanhada na função clínica é preciso que, além de se estar atento às necessidades do paciente, contendo suas angústias e organizando o caos que impera seu psiquismo, esse ambiente facilitador nomeie e dê sentido ao que se passa com o paciente para poder trabalhar com as intensidades terroríficas e com a dor da morte que predominam em seu corpo. Dessa forma, o corpo sem órgãos esvaziado do psicótico consegue encontrar estabilidade em um corpo mais potente, que pode fazer nascer uma figura identitária.

Portanto, ao identificar e discriminar esses conteúdos, a função clínica se torna uma das possibilidades que auxilia na criação de um território estável em que o sujeito possa pousar e, dessa forma, existir. Assim, proporciona que suas relações possam começar a integrar-se, possibilitando que o sujeito consiga lidar com a realidade sem que isso seja intensivo a ponto de romper com a passagem que o leva para o acesso ao plano do Fora. Esta função clínica possibilita ao sujeito tornar seu corpo mais potente, revitalizando-o para os que moram em “móvel-mar” encontrarem morada para existir: da errância ao território.

De o navegante

*Possa eu contar em veros versos vários,
 Não jargão da jornada, como dias duros
 Sofrendo suportarei.
 Terríveis sobressaltos me assaltam
 Em meu batel vivi muitos embates,
 Duras marés, e ali, noites a frio,
 Em vigílias sem fim fiquei, o barco
 Rodopiando entre os recifes. Frio – Aflitos
 Os pés pela geada congelados.
 Granizo – seus grilhões: suspiros muitos
 Partiram no meu peito e a fome fez
 Feridas no meu brio. Para ver
 Quanto vale viver em terra firme,
 Ouçam como, danado, em mar de gelo,
 Venci o inverno a vogar, pobre proscrito,
 Privado de meus companheiros,
 Gosma de gelo, granizo – grudado,
 Sem ouvir nada além do mar amargo,
 A onda froco-fria e o grasnido do cisne
 No meu ouvido como um gruir de ganso,
 Rios de aves marinhas sobre mim,
 Pés d'água, entre penhascos, contra a popa,
 Pluma de gelo. E às vezes a águia guia
 Com borrifos nas guias.
 Nenhum teto
 Protege o navegante ao mar entregue.
 É o que não sabe o que vai em vida mansa,
 Rico e risonho, os pés na terra estável,
 Enquanto, meio morto, mourejando,
 Eu moro em móvel-mar¹⁰.*

¹⁰ Poema “The Seafarer”, traduzido por Ezra Pound e extraído na obra de Cesar (2003, p. 27).

6 “O PONTO-FINAL NÃO SE TRATA DO FIM, MAS DE QUE ALGO ACABOU”¹¹

“Não vê que isto é como filho nascendo? Dói. Dor é vida exacerbada. O processo dói. Vir-a-ser é uma lenta e lenta dor boa. É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar” (LISPECTOR, 1998, p. 63).

A escrita desta pesquisa foi se tecendo ao longo do ano, possibilitando que as compreensões em relação à loucura se ampliassem para o campo da Psicanálise e Filosofia da Diferença. Autores foram convidados para compartilhar esse momento, o que expandiu o debate e deu palavra ao interesse de pesquisar os processos da loucura num plano clínico. Nesse momento de colocar o ponto-final em nossas problematizações aqui expressas, remetemos a Fonseca, Kirst, Oliveira, D’Ávila e Marsilac (2006, p. 656) para dizer que a pesquisa significou uma atualização que gerou “[.] a vontade de saber e de criar um lugar no mundo [...]” ao qual circunscreveu nossa fala. “[...] A pesquisa não nasce; ela irrompe e nos mergulha em seu magma”.

Ao fazer jorrar suas problematizações, o processo da pesquisa nos proporcionou um movimento de “vir-a-ser”. Foi preciso realizar encontros para entrar em uma relação de vizinhança com a loucura e com nossos pensamentos. Também foi preciso estar disponíveis para nos aproximar da música, poesia e literatura, roubando deles a força necessária para reverberar nossa potência criativa. Assim, nossas investigações orientaram o desejo e apontaram para uma pesquisa que fez nascer uma nova postura argumentativa, o que vem a ser o movimento de tornar-se

¹¹ (DETONI, 2009, p. 159).

outro diferente do que se era no início: “[...] o importante é se chegar ao fim diferentemente do que se era no começo” (DETONI, 2009, p. 17).

Para que esses efeitos fossem contemplados foi preciso que a pesquisa acontecesse na ordem dos afetos. Foi criado um campo de pesquisa para que os saberes trabalhados fossem operados em prol de agenciamentos, ou seja, de conexões que oportunizaram a criação de outras maneiras de pensar e lidar com nosso contexto em estudo. Esse movimento é próprio do devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997), pois correspondeu a um grau de potência que nasce e transborda para dar visibilidade a outras maneiras de pensar, tornando visível o que até então estava invisível.

Para isso, foi escolhida, como aliada metodológica, a cartografia e a possibilidade que ela oferece em acompanhar processos, nesse caso os movimentos de desestabilização do psicótico. Assim, nosso corpo-cartógrafo foi colocado ao lado da loucura, possibilitando que nossa aproximação ocorresse no campo das intensidades. Assim, a pesquisa buscou apresentar o enlouquecimento através da criação de hipóteses, as quais não tiveram a pretensão de levantar verdades, pois o desejado foi produzir pensamentos e possibilidades em constante movimento.

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribuiu a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo (PASSOS; BARROS, 2010, p. 169-170).

Convidar a Psicanálise e a Filosofia da Diferença para oxigenar o pensamento psicológico na clínica foi uma proposta que, mesmo antes de iniciar a pesquisa, impulsionava o desejo. A pretensão nunca foi de contrapor seus pensamentos, pois sabemos que em alguns momentos eles se diferem. Mas, saber como na diferença poderíamos estar construindo linhas de fuga para agenciar os pensamentos da Psicologia. Essa produção desejante se conectou com as experiências clínicas de minha orientadora, o que oportunizou nossa comunicação e o desenvolvimento dessa articulação. Foi um saboroso desafio que tornou a função clínica mais

potente, pois ampliou a visão de interioridade, proporcionada pela Psicanálise, para conhecer aquilo que se produz na exterioridade de um sujeito que se constrói no campo social.

Utilizar o personagem conceitual extraído de um livro se tornou significativo, pois ilustrou e deu consistência às nossas problematizações. Dessa forma, pensar sobre uma das funções da clínica no trabalho com a psicose evidenciou que a clínica pode ser um dos territórios possíveis para oferecer continência e para acolher a experiência nômade do psicótico. O conceito de mãe suficientemente boa de Winnicott possibilitou que esse espaço fosse fundamentado, criando maneiras de auxiliar nas angústias terroríficas do louco. Assim, afirmamos que disponibilizar esse espaço estruturado em uma função materna suficientemente boa ofereceu à psicose um território estável, em que o corpo intensivo se tornou potente para poder fazer nascer uma figura identitária, ou seja, uma parte mais organizada que passou a se conectar com as experiências do mundo interno e externo.

Pois bem, qualquer que seja o problema que tenhamos à nossa frente, nosso modelo é o da mãe suficientemente boa, a quem compete ajustar-se às necessidades crescentes e sempre variáveis de seu filho, ou se seu paciente, adaptando-se e respondendo à dependência, assim como à crescente independência destes [...] (DIAS, 2002, p. 343).

Assim, com essa cartografia se buscou acompanhar o movimento de desestabilização realizado pelo sujeito que não conseguiu usar da prudência para se relacionar com o plano das intensidades. Entrar em contato com os processos de romper com a estabilidade de operar em um modo neurótico, nos diz de um sujeito que ficou enclausurado em uma condição psicótica. Seu corpo foi tomado por forças que não se atualizaram em matéria, ou seja, percebemos que essas forças invadiram o sujeito impossibilitando-o de realizar encontros que o tornassem mais potente.

Acompanhar o processo de uma mulher que enlouquece serviu como pista para investigar o corpo das intensidades que não conseguiu ficar pleno e esvaziou-se numa figura clínica do louco, hospitalizada e medicada, pois foi tomado pelas forças do Fora. Quando o corpo chega nessa imagem, ocorre o que Deleuze e Guattari (2010) apontaram como sendo uma parada no processo, e que depois Deleuze (2011, p. 13) explicou dizendo que “a neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido,

impedido, colmatado. A doença não é processo, mas parada do processo [...]”. O que vem ao encontro quando Winnicott (1990) diz que a psicose é resultado de um fracasso ambiental no que diz respeito a favorecer continuidade nos processos de amadurecimento, o que também averiguamos como sendo uma parada no processo de maturação.

Para finalizar, escolhemos compartilhar narrativas de Antonin Artaud (apud COSTA, 2007) que expressam a força, o protesto e a lucidez de um homem que, apesar de ter passado longos períodos de internação psiquiátrica, manteve potencialmente viva toda sua força criadora para devir um pensamento delirante que se produziu no campo das intensidades. Com essas narrativas desejamos que a potência audaciosa, nelas embutida, reverbere a cada ponto-final que ao longo da vida vamos realizando, lembrando que esse ponto-final não se trata do fim, mas do início de novas/outras experimentações.

Há palavras que sempre foram tomadas por coisas, mas as coisas que elas representam, e a que não correspondem, mas que contra-indicam, sempre resistiram em mim. Assim, portanto, tranquilizem-se os alienistas, sou louco em função mesmo da loucura porque minha consciência sempre resistiu, em todas as suas menores dobras.

Os doidos não sabem, mas há entre eles altos (e perfeitos) espíritos que se servem da demência deles, mas qual é o psiquiatra que compreendeu?

Vi que os delírios dos loucos contêm mais verdade do que as pílulas de vitaminas eróticas do médico que pretende curá-los.

[...] posso dizer que nenhum doido me pareceu delirar, e que sempre reputei no fundo de tudo o delírio como o fio da verdade, insólito talvez, mas bem aceitável, que o louco conceitualmente busca¹².

¹² Narrativas extraídas do esboço feito por Artaud para “Carta aos médicos-chefes dos asilos de loucos”.

REFÊRENCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método cartográfico**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 131-149.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ANTUDES, Arnaldo. Fora De Si. 1995. Disponível em: <<http://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91629/>>. Acesso em: 12 set. 2012.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

CESAR, Fátima Flório. **Dos que moram em móvel-mar**: A elasticidade da técnica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COELHO, Débora de Moraes; FARINA, Juliane Tagliari. Entre o moribundo e o embrionário: a escrita delirante. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do Fora**: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 203-219.

COSTA, Flávio Moreira da (org.) **Os melhores contos de loucura**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. In: **Folha de São Paulo (Mais!)**. Edição brasileira: São Paulo, 27 de junho de 1999.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Lógica do Sentido**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006a.

_____. **Diferença e Repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

_____. **Crítica e Clínica**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

_____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012. v. 3.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DETONI, Maria Célia. **Artesania Clínica: questões para uma prática da multiplicidade.** Porto Alegre: Marcavisual, 2009.

DIAS, Elsa Oliveira. Da sobrevivência do analista. **Natureza Humana.** 4(2): 341-362, jul.-dez. 2002.

_____. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott.** Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes; OLIVEIRA, Andréia Machado Oliveira; D'ÁVILA, Maria Fátima; MARSILAC A, Ana Lúcia Mandelli. A pesquisa e o acontecimento: o toque no impensado. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 11, n. 3, p. 655-660, set./dez. 2006.

FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luis Artur; MOEHLECKE, Vilene; VEVES, José Mário. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estudos e pesquisa em psicologia,** UERJ, RJ, ANO 10, N.1, P. 169-189, 1º QUADRIMESTRE DE 2010.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder – Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: **Microfísica do poder.** 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925).** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Um sopro de vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MELLO FILHO, Julio de. **O ser e o viver**: uma visão da obra de Winnicott. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

NASIO, Juan-David. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. 9. ed. Um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narrativa. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método cartográfico**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 151-171.

PELBART, Peter Pál. **Clausura do Fora ao Fora da Clausura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **A nau do tempo-rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **A vertigem por um fio**. São Paulo: Editora Iluminar LTDA, 2000.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade** – Sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulinas: Editora da UFRGS, 2010.

REIS, Nando. Dias Loucos. 1995. Disponível em: <<http://letras.mus.br/nando-reis/430916/>>. Acesso em: 27 set. 2012.

RESTREPO, Laura. **Delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROLNIK, Suely. Novas figuras do caos – mutações da subjetividade contemporânea. In: **Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências**. SANTELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (org.). Face e Fapesp: São Paulo, 1999. p. 206-221.

_____. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, Tânia Maria Galli; ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 231-238.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel S. (org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2006. p. 25-34.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1975.

_____. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1990.

_____. A Importância do Setting no Encontro com a Regressão na Psicanálise. In: WINNICOTT, Clare (Org.). **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 77-81.

_____. **Holding e Interpretação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.